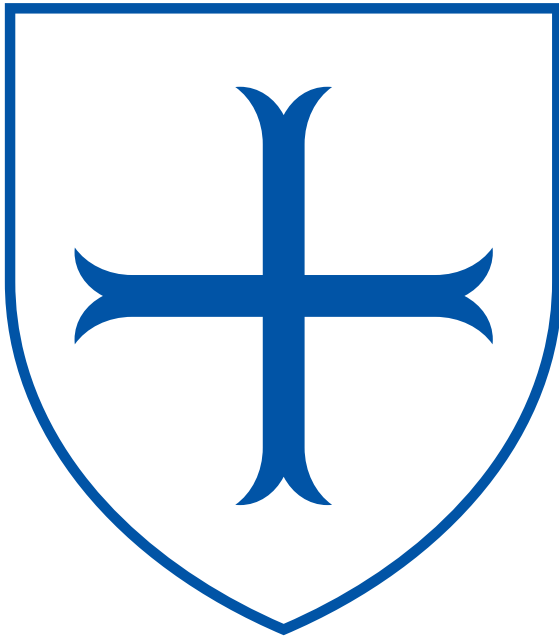
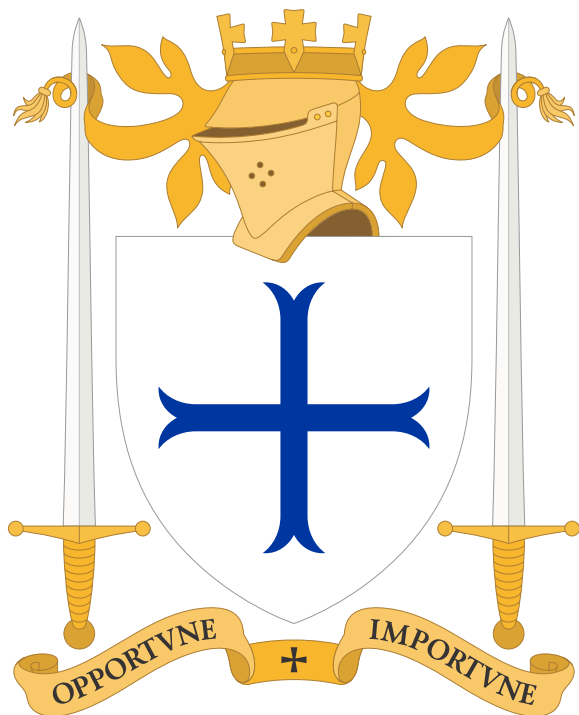


REGRA

MILITIA SANCTÆ MARIÆ



**IN NOMINE DOMINI NOSTRI IESU CHRISTI
AMEN!**



Edição Brasileira
2024

Nihil distat
08 de setembro de 2024
C. Gino da Imaculada Conceição

Imprimatur
10 de setembro de 2024
Dom Celso R. Marcolino

APRESENTAÇÃO DA NOVA EDIÇÃO DA REGRA DA *MILITIA SANCTÆ MARIÆ*

No aniversário de sessenta anos de ereção canônica da *Militia Sanctæ Mariæ*, o Priorado de São Pedro de Alcântara tem a incomensurável alegria de celebrá-lo com uma nova tradução da Regra e esta com as devidas licenças de publicação eclesiásticas concedidas paternalmente por dom Celso Antônio Marchiori.

Desses sessenta anos, doze deles, um quinto do tempo, marca a presença da *Militia Sanctæ Mariæ* no Brasil. Um país sem nenhuma tradição de cavalaria que, com a graça de Deus e os frutos da Santa Cruz, se tornou terra fértil para os cavaleiros de Nossa Senhora.

Com toda certeza, nem todos os períodos foram de bonança. Mas, todos, sem exceção, foram períodos de *Kairós*. A *Militia Sanctæ Mariæ* vive um tempo da graça

nesta terra de Santa Cruz. Os laços dos campos de batalha se solidificaram em laços familiares. Mais que um corpo de soldados, nos tornamos um corpo de irmãos, uma verdadeira família.

E essa Regra é aquilo que nos une.

Instrumento comprovado de santificação, é o caminho que Dom Gerard Marie Lafond, de venerável memória, nos legou. Nela brilha a grandeza deste homem que, antes de tudo, queria “alargar, cá embaixo, as fronteiras do Reino dos Céus”. Viver a Regra, para nós, não deve ser um fardo. Pelo contrário, deve ser a raiz, a base, de nosso caminho de santificação. Devemos nos deixar transformar totalmente pela Regra, sofrer um verdadeiro processo de *metanoia* por ela, sabendo que, mesmo que custe, nada se compara a recompensa do Céu, onde, com os santos e a Bem-Aventurada Sempre Virgem Maria, louvaremos eternamente a Deus, Nosso Senhor.

Que privilégio termos uma Regra tão santa, tão boa e tão valiosa em nossas mãos. Devemos nos considerar privilegiados por isso!

Dom Lafond não conheceu nenhum cavaleiro brasileiro. Não teve notícias que a Ordem cruzou o Oceano e foi para o Novo Continente. Faleceu santamente em 2010, enquanto a Ordem chegou aqui em 2012. Porém, seu espírito se mantém vivo nesta pequena, mas gigantesca, obra.

É em sua memória que devemos refletir. Em seu testamento espiritual, nosso Fundador questiona: “Por que somos tão poucos?”. Isso é uma pista para nós. Que não desapontemos nosso fundador e todos os cavaleiros que vieram antes de nós. Se Deus deu a batalha, dará os meios para a vitória. E a família deverá continuar crescendo. Não apenas de forma quantitativa, mas de forma qualitativa. Somos uma Escola de Santidade e esta Regra prova isso.

Que nesta noite Santa de Natal, num futuro distante, olhemos para a grandeza da Ordem no mundo e como ela é enorme neste Priorado e, sorrindo, com o coração transbordante de alegria, digamos parafraseando dom Lafond: “Por que éramos tão poucos?”.

Sempre, sempre, sempre à Jesus, por Maria!

Brasil, Natal de 2024

Michel Pagioffi Silva
Prior do Priorado de São Pedro de Alcântara

ADVERTÊNCIA

Na sequência de uma decisão do XV Capítulo Geral, reunido em Chartres em 12 de agosto de 1972, ficou esclarecido que a expressão “Ordem dos Cavaleiros” tal como é usada na Regra e em diversos documentos da *Militia Sanctæ Mariæ* é a tradução historicamente recebida do latim *Militia*.

Contudo, a palavra “ordem” não deve ser entendida no sentido canônico de ordem religiosa nem de ordem de cavalaria segundo a definição admitida pela Santa Sé Apostólica para a Ordem Soberana, Militar e Hospitalar de São João de Jerusalém, dita de Rodes e de Malta, e para a Ordem Equestre do Santo Sepulcro.

A palavra “ordem”, em diferentes línguas nacionais, é suscetível de diferentes acepções não canônicas em uso na sociedade civil, tal como Ordem dos Advogados. Designa assim um corpo de membros que, em virtude de regras morais estritas, estão constituídos num

estado que os ordena para o bem comum da sociedade humana. Na Idade Média, a cavalaria, isto é, o conjunto dos cristãos que tinham sido armados cavaleiros, formavam uma ordem que se inclui nessa definição.

Mutatis mutandis, a Militia Sanctæ Mariæ usa a palavra “ordem” atribuindo-lhe o significado não canônico de companhia de cavaleiros regulada por uma Regra e organicamente ordenada para os fins tradicionais da ordem de cavalaria: servir a Fé, defender a Igreja, promover a Cristandade e a Paz.

(Publicado por ordem do Magistério.)

REGRA DA

MILITIA SANCTÆ MARIÆ

PRÓLOGO

1. *Cristão que te preparas para ler esta Regra, liberta por um instante o teu espírito das preocupações terrestres, e mergulha o teu olhar no mistério de Deus. É nas perspectivas divinas que és convidado a escolher um novo gênero de vida, caracterizado pela fidelidade absoluta ao Senhor. Porque este livro não interessa somente à tua inteligência, mas também à tua vontade, ao teu corpo, aos teus atos. Se aceitas o programa que ele te propõe, ser-te-á preciso te tornares um outro homem, um cavaleiro pronto a sustentar duros combates pela honra de Deus, decidido a construir um mundo cristão conforme ao desígnio divino. Se temes o esforço e procuras a tua própria tranquilidade, se aceitas sem revolta o reino da mediocridade, da hipocrisia e do vício, este livro não é para ti: fecha-o e continua na tua falsa paz.*

Do contrário, recolhe-te e escuta.

2. Cristo Jesus, Verbo eterno de Deus, *o primogênito de toda a criação*¹, foi ungido Rei sobre tudo o que existe. Nada escapa ao seu império; tudo vem d'Ele, tudo volta a Ele, tudo é para Ele. *É o alfa e o ômega, o primeiro e o último, o princípio e o fim*² de todas as coisas.

O Universo criado por Deus é um todo harmonioso ordenado para a glória de Cristo Rei, e, por Cristo, para o louvor da Santíssima e indivisível Trindade. A criação é luz, ordem e hierarquia.

Só o pecado, por misteriosa permissão divina, afeta esta harmonia, perturba esta ordem, obscurece por algum tempo esta claridade. As potestades do mal arrastaram, na sua revolta, uma parte do mundo visível, e este mundo geme nas trevas que o Sol da Justiça não mais ilumina.

Mas o Verbo encarnado, nascido de Maria Imaculada, morto sobre a Cruz e ressuscitado para nos dar a vida, infligiu ao dragão o golpe fatal. O mundo tornou-se um imenso campo de batalha disputado, de um lado, pelos filhos da Jerusalém Celeste, sustentados pelas milícias sagradas do Arcanjo Miguel e, do outro, pelas tropas infernais. Quando os fiéis da Igreja, sob o influxo da graça divina, fazem penitência, derramam as suas orações e testemunham até o sangue, o Espírito comunica-se, as forças do caos recuam, o exército angélico destrona as hierarquias infiéis, a verdade triunfa.

1. Cl 1, 15.

2. Ap 22, 13.

Quando os fiéis se descuidam e perdem o seu fervor, Deus permite uma nova ofensiva das potestades das trevas; povos inteiros são arrancados à Igreja ou subtraídos à influência do Evangelho e entregues à escravatura de Satanás.

3. Neste combate sem trégua nem misericórdia, vais ficar inerte, correndo o risco de te deixares, também tu, submergir pelas trevas? A vitória está ao teu alcance; o Senhor te diz: *Tende coragem! Eu venci o mundo*³; e: *Esta é a vitória que venceu o mundo: a nossa Fé*⁴.

Já que Cristo, nosso Rei, escolheu-te, afasta para longe de ti toda a indolência ou tibieza, toda lassidão ou compromisso, lembrando-te que o Senhor *vomita os mornos*⁵. Prepara-te, pelo contrário, a lutar virilmente, segundo o preceito do Apóstolo: *por isso, revesti-vos com a armadura de Deus, a fim de que possais resistir no dia mau e permanecer firmes depois de terdes superado toda prova*⁶. E, mais do que o inimigo já vencido, teme por ti esta condenação infamante: *Maldito quem é negligente na obra do Senhor, maldito quem priva de sangue a sua espada*⁷!

4. Fica sabendo que a espada não é um símbolo vão; a que a Igreja benze e dá ao cavaleiro significa uma

3. Jo 16, 33.

4. 1Jo 5, 4.

5. Ap 3, 16.

6. Ef 6, 13.

7. Jr 48, 10.

missão especial no seio imenso do exército de Deus, e a graça de estado para a cumprir. Esta missão consiste em *alargar cá embaixo as fronteiras do Reino de Deus*⁸, em derrubar a falsa ordem luciferina do mundo para construir sobre as suas ruínas uma sociedade humana submetida à realeza de Cristo e propícia à salvação eterna do maior número.

Porque a nação e o reino que não servirem a Cristo perecerão e serão totalmente exterminados⁹, enquanto que *a glória temporal da cidade terrena não destrói a dos bens celestes, antes a robustece, desde que não duvidemos um só momento que é uma figura de nossa Mãe que está no Céu*¹⁰.

5. Escuta as palavras de tua Mãe a Igreja; elas te indicam a via heroica da cavalaria:

Toma esta espada:

Exerce com ela o vigor da justiça,

Abate com ela o poder da injustiça;

Defende com ela a Igreja de Deus e os seus fiéis,

Dispersa com ela os inimigos de Cristo.

O que foi humilhado, levanta-o;

O que tiveres levantado, conserva-o.

O que é injusto cá embaixo, abate-o,

O que está segundo a ordem, fortifica-o.

8. Léon Gautier, *La Chevalerie*, I, 10.

9. Cf. Is 60, 12; Ofício do Cristo Rei.

10. São Bernardo. *Em louvor da nova cavalaria*, III, 6.

É assim que, glorioso e altivo do único triunfo das virtudes,

Magnífico no culto da Justiça,

Tu atingirás o Reino do Altíssimo,

Onde, com Cristo, a quem te assemelhas,

Tu reinarás eternamente¹¹.

6. Sem confusão de poderes, a cavalaria restabelece um elo entre a cidade terrestre e a cidade celeste. Como a Espada flamejante do Querubim à entrada do Paraíso¹², a espada cavaleiresca protege a Cristandade contra as intrusões do mundo profano. A cavalaria é templo interior e fortaleza exterior: opõe ao desfraldamento das forças luciferinas a muralha inexpugnável duma fidelidade sem falhas. É uma força a serviço do Direito, *para proteger tão belas e santas coisas que Deus quis que estivessem por trás da beleza e da santidade da espada*¹³. *O mundo inteiro está no poder do maligno*¹⁴: com a espada da cavalaria, tu recebes a missão e a graça para arrancar ao Diabo a cidade terrestre.

7. O heroísmo cristão que está na base da cavalaria constitui uma radical inversão dos valores profanos: à exaltação de si que pretende atingir o absoluto, opõe-se o

11. Ritual de Adubamento, século XIII. A fórmula é a mesma desde o século IX, pelo menos. Encontra-se na coroação dos reis da França até a de Carlos X.

12. Cf. Gn 3, 24.

13. Carta de Louis Veuillot a Armand de Pontmartin – 29 de novembro de 1858 in Edmond Biré. *Armand de Pontmartin, sa vie et ses oeuvres*.

14. 1Jo 5, 19.

*abaixamento de Deus feito homem; à vontade do poder, a humildade; à força deificada, a onipotência da Cruz*¹⁵. E é também ao cavaleiro cristão que se dirige esta palavra do Senhor: *Basta-te a minha graça; pois é na fraqueza que a força se realiza plenamente*¹⁶. Com efeito, *o que para o mundo é fraqueza, Deus o escolheu para envergonhar aquilo que é forte*¹⁷.

8. Uma missão tão sublime, não a podes cumprir sem uma conversão total de todo o teu ser a Deus. Travarás o combate espiritual e ao mesmo tempo o temporal. Não terás outra ambição que a de servir o teu Rei, Cristo, com fidelidade e docilidade. Não recuarás perante nenhum esforço para atingir este fim; deverás quebrar-te, sufocar o teu orgulho, desprezar a tua vida neste mundo; na escola de Maria, Nossa Senhora, procurarás a humildade, o apagamento voluntário, o abandono total por generosidade de amor, até ao sacrifício. Rejeitarás com horror o espírito do mundo para adquirir uma sabedoria puramente sobrenatural. Reconhecerás em todas as coisas visíveis uma epifania das invisíveis, e trabalharás para dar aos homens teus irmãos o sentido do sagrado. Procederás de tal modo que a natureza, a família, o trabalho, a ciência, a arte, a própria organização política voltem a transparecer para todos o divino e a ser portadores de graça.

15. *Princípios de ontem para uma cavalaria do terceiro milênio*, artigo 2ºa.

16. 2Cor 12, 9.

17. 1Cor 1, 27.

9. No meio do combate, lembra-te do grito do profeta: *maldito aquele que confia no ser humano*¹⁸, e põe a tua confiança somente em Deus; porque está escrito: *A vitória na guerra não depende do tamanho do exército, mas da força que vem do Céu*¹⁹; e ainda: *treina-se o cavalo para o dia da batalha, mas quem dá a vitória é o Senhor*²⁰. Além disso, *vivos ou mortos, pertencemos ao Senhor*²¹, e a derrota segundo a carne é vitória segundo o espírito.

Se souberes combater virilmente, merecerás ouvir aplicarem-se a ti as palavras sagradas: *e a tua nação reconstruirá as ruínas antigas. Tu farás subir os alicerces que atravessaram gerações, e serás chamado restaurador de ruínas, reparador de caminhos, por onde se possa passar*²².

E quando Cristo em glória voltar *por Maria*²³ para tomar posse do seu Reino como cavaleiro vitorioso, *Rei dos Reis e Senhor dos Senhores*²⁴, juntar-te-ás ao inumerável exército celeste revestido de branco, e receberás a parte de tua herança; porque Ele é fiel, Aquele que prometeu: *ao vencedor, farei sentar-se comigo no meu*

18. Jr 17, 5.

19. 1Mc 3, 19.

20. Pr 21, 31.

21. Rm 14, 8.

22. Is 58, 12.

23. Cf. São Luís M. Grignion de Montfort, *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, n.º 50, 4.

24. Ap 19, 16.

*trono, como também Eu venci, e estou sentado com meu Pai, no seu trono*²⁵.

A Ele apenas, a glória, o louvor e o júbilo, com o Pai e o Espírito Santo, na Santa Igreja, pelos séculos dos séculos. Amém.

25. Ap 3, 21.

PRIMEIRA PARTE

O ESPÍRITO DA ORDEM

CAPÍTULO I

Fins da Ordem de Santa Maria

1. Fundada no fim da Segunda Guerra Mundial junto da pira de Santa Joana d’Arc, fortificada pela sabedoria beneditina à sombra da antiga abadia de Fontenelle, depois enraizada na terra marial da cripta da “Virgem que deve dar à luz” da insigne Basílica e Catedral de Nossa Senhora de Chartres, a Ordem dos Cavaleiros de Nossa Senhora inscreve-se na longa e gloriosa tradição da cavalaria cristã e das ordens militares que foram criadas para *alargar cá embaixo as fronteiras do Reino de Deus*²⁶.

Regular e militante, quer-se, mediante a graça divina, *um conservatório de honra e uma escola de heroísmo a serviço dos mais altos valores da humanidade*²⁷. Procura primeiro o Reino de Deus e a sua

26. Léon Gautier, *La Chevalerie*, I, 10.

27. *Princípios de ontem para uma cavalaria do terceiro milênio*, artigo 16º.

Justiça, sabendo que o resto, isto é, a paz sobre a terra — e os benefícios que daí decorrem —, é dado por acréscimo²⁸.

Espera com firme esperança, no meio de um incessante combate contra o Príncipe deste mundo, a Parusia de Cristo Rei, a vinda do Reino dos Céus e da Paz eterna, segundo a palavra do Apóstolo: *Para nós, a nossa cidade é no Céu e de lá esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo*²⁹.

2. A Ordem tem por fim essencial a glória de Deus pela realeza universal de seu Filho Nosso Senhor Jesus Cristo. A esta realeza, única fonte de todas as bênçãos para toda a criação, o Senhor Jesus dignou-se associar sua Santíssima Mãe, a bem-aventurada imaculada e sempre Virgem Maria, que é também Mãe da Igreja e de cada um dos fiéis. A Santa Mãe de Deus tornou-se assim, em virtude de sua Assunção, *Rainha do Céu e da Terra, pela graça, como Jesus é o Rei por natureza e conquista*³⁰ em virtude de sua ressurreição dentre os mortos³¹.

3. É por isso que os cavaleiros reconhecem a Santíssima Virgem como a sua própria Dama e Suserana, e como a Soberana da sua Ordem. Unem-se

28. Cf. Lc 12, 31.

29. Fl 3, 20.

30. São Luís M. Grignion de Montfort, *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, nº 38.

31. Rm 1, 4.

a Ela pelo elo da Consagração, da homenagem e do adubamento³² de cavaleiro, de modo a tê-La *sempre como seu perfeito modelo para imitar e o seu auxílio poderoso para os socorrer*³³.

Confiam-se também à guarda do glorioso Arcanjo São Miguel, Príncipe da Cavalaria celeste e vencedor de Satanás; repetem o seu grito de fidelidade e de amor que é também um grito de guerra e de vitória: *Quem como Deus?*; veneram-no e reconhecem-no como o Grão-Mestre da sua Ordem.

4. A Ordem persegue três fins ordenados para a glória de Deus:

- *A Ordem serve a Fé católica, apostólica e romana, não somente confessando-a perante os homens na sua integridade, pureza e vigor*³⁴, mas também agindo para a espalhar, proteger, fortificar e fazê-la irradiar em todos os domínios da vida humana. Trabalha, além disso, *segundo os seus meios, para a união de todos os cristãos no único Redil de Cristo, como realização de uma vontade claramente expressa por Cristo, e como condição de uma era de unidade e de paz para todas as nações*³⁵.

32. Do francês “*adoubement*”. O mesmo que “*armação*”.

33. Cf. São Luís M. Grignion de Montfort, *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, nº 46.

34. Pio XII, Discurso aos membros do movimento “*Rinascita Cristiana*”, 22/01/1947.

35. *Princípios de ontem para uma cavalaria do terceiro milênio*, artigo 5º.

- *A Ordem defende a Santa Igreja Católica* sem fraquejar em qualquer campo que a ataquem, pela oração e por atos, contra todos os partidos, movimentos, seitas, heresias e erros denunciados pelo Soberano Pontífice. A Ordem ama e defende a Igreja, Esposa imaculada de Cristo, não somente no seu mistério, mas também na sua existência terrestre, e apesar dos defeitos de seus membros. Ama-a e defende-a na sua Fé íntegra e nas suas instituições. Ama-a e defende-a no seu passado e no presente, e defendê-la-á no futuro com a graça de Deus. Combate com o maior vigor, e sempre com caridade para com as pessoas, os empreendimentos que, no interior da Igreja, tentassem substituir a verdadeira Fé por uma religião do homem e que ousassem atacar não somente as instituições tradicionais e a disciplina, mas também a pureza dos ritos sagrados, a santidade dos costumes cristãos e a integridade dos dogmas. Defende a Igreja com todas as forças contra todos aqueles que, sob o pretexto de reforma, procuram desfigurá-la³⁶.

- *A Ordem trabalha pela promoção da Cristandade e da Paz*. Está a serviço do povo de Deus, sobretudo dos mais fracos e dos oprimidos. Combate as ideologias que causam danos à dignidade humana e à liberdade do homem criado à imagem de Deus, e opõe-se, por todos os meios apropriados, a toda tentativa totalitária que visa subjugar o mundo, de modo oculto ou não, como a todos os que, conscientemente ou não, auxiliam tais

36. Cf. Vaticano II, *Apostolicam Actuositatem*, nº 6.

iniciativas³⁷. Trabalha por estabelecer a cidade temporal sobre os fundamentos da ordem natural e os princípios do Evangelho, no respeito das liberdades essenciais do ser humano e das comunidades humanas³⁸, conforme a doutrina social da Igreja. Esforça-se por reunir todas as condições para *que os chefes das nações rendam a Cristo Rei um culto público, os mestres e juízes O louvem, as leis e as artes O exprimam*³⁹, considerando *três vezes bem-aventurada a cidade que Cristo, segundo a ordem, governa, a qual busca a execução das leis dadas ao mundo pelo Céu*⁴⁰.

A Ordem inculca nos seus membros o amor da sua Pátria terrestre e o respeito das tradições legítimas recebidas de seus pais. Serve a Cristandade, isto é, a comunidade fraterna das nações resgatadas pelo Sangue de Cristo e providencialmente chamadas a purificar e a assumir as diversas civilizações humanas na civilização cristã⁴¹. É por isso que a Ordem professa que *a fidelidade ao patrimônio da civilização cristã, a sua defesa intrépida contra as correntes ateias ou anticristãs,*

37. Cf. *Princípios de ontem para uma cavalaria do terceiro milênio*, artigos 25^oa e 7^oc.

38. Cf. Vaticano II, *Apostolicam Actuositatem*, n^o 5.

39. “*Te natiónum Præsides / Honóre tollant público, / Colant magístri, iúdiçes, / Leges et artes éxprimant*” – Breviário Romano (edição de 1962) – Hino das Vésperas na festa de Cristo Rei.

40. “*O ter beáta cívitas / Cui rite Christus ímperat, / Quæ iussa pergít éxsequi / Edícta mundo cáelitus!*” – Breviário Romano (edição de 1962) – Hino das Laudes na festa de Cristo Rei.

41. *Princípios de ontem para uma cavalaria do terceiro milênio*, artigo 4^oa.

*é a pedra angular que não pode ser sacrificada a nenhuma vantagem passageira, a nenhuma combinação sujeita a mudança*⁴².

A Paz de Cristo ou tranquilidade da ordem cristã⁴³, fora da qual não há paz verdadeira, justa e durável, tal é o fim nobilíssimo ao qual os cavaleiros, honrados pela tradição do belo título de “pacificadores”, se afeiçoam obstinadamente segundo o preceito da Escritura: *procura a Paz e vai no seu encalço*⁴⁴. Todo o esforço para uma mais perfeita realização da ordem cristã e da paz facilita à Igreja o exercício da sua missão divina, abre aos humildes e aos pobres as fontes de salvação, e apressa o dia em que o Senhor Jesus há de voltar com os seus anjos⁴⁵ para estabelecer o seu Reino de Justiça, Amor e Paz⁴⁶.

5. Todas as atividades suscetíveis de se ordenarem a estes três fins podem ser empreendidas quer pela própria Ordem e seus órgãos, quer por alguns dos seus membros, com a aprovação do magistério da Ordem. Fazem parte delas as inumeráveis obras sociais e caritativas, a educação da juventude, a luta contra os

42. Pio XII, *Mensagem radiofônica no 5º aniversário do início da Guerra*, 01/09/1944.

43. “*Tranquillitas ordinis*” – Santo Agostinho, *Cidade de Deus*, Livro 19, Capítulo 13.

44. Sl 34, 15.

45. Cf. Lc 9, 26.

46. “*Regnum justitiae, amoris et pacis*” – Missal Romano (edição de 1963) – Prefácio para a festa de Cristo Rei.

flagelos morais e sociais, a defesa dos povos contra as ideologias subversivas, a ajuda aos países menos desenvolvidos ou cativos de Estados totalitários, as relações culturais entre os povos, a difusão do espírito cavaleiresco nos exércitos, o estudo dos problemas internacionais e outras coisas do mesmo gênero.

6. O combate da Ordem, que justifica a sua existência como Ordem de cavalaria, é um combate no sentido próprio da palavra. Com efeito, o assalto lançado pelas forças infernais contra a Cristandade comporta um aspecto ideológico predominante ao qual não se pode opor eficazmente senão um combate espiritual e doutrinal unido à firme resolução de defender até a morte os valores supremos da civilização cristã. Não são só os exércitos os únicos a medir as forças sobre o campos de batalha; o objeto desta guerra é a própria população, e, por conseguinte, esta deve ser circundada e protegida por uma elite cujo valor espiritual, moral, intelectual e simplesmente humano seja manifesto. A Ordem contribui, na medida dos seus meios, para construir esta elite⁴⁷.

7. A Ordem declara que não está a serviço exclusivo de nenhum Estado, nem grupo de Estados, nem organizações ou soberanias internacionais, nem de nenhuma raça em particular; mas serve todos os homens nas suas comunidades naturais. Não está a serviço de causas

47. Cf. *Princípios de ontem para uma cavalaria do terceiro milênio*, artigo 7ºb.

políticas ou dinásticas, nem de interesses econômicos, nem de interesses de classe, nem do que quer que seja puramente temporal. A Ordem está a serviço apenas da Cristandade. É universal, como a Cristandade⁴⁸.

8. Plenamente consciente da missão do laicato católico no mundo tal qual foi definido pelo Concílio Vaticano II⁴⁹, a Ordem, governada por leigos, esclarecida pelo Magistério vivo da Igreja e dócil ao seu ensinamento constante, define ela mesma os seus objetivos e o modo de sua ação na cidade terrestre, sem que esta ação possa jamais comprometer no que quer que seja a Santa Sé ou a hierarquia eclesiástica.

48. Cf. *Princípios de ontem para uma cavalaria do terceiro milênio*, artigo 4ºb.

49. Cf. Vaticano II, *Apostolicam Actuositatem*, nº 5.

CAPÍTULO II

Do estado das pessoas e da hierarquia da Ordem

1. A Ordem dos Cavaleiros de Nossa Senhora não faz acepção de pessoas, conforme o espírito do Evangelho e os princípios fundamentais da cavalaria. Contudo, é evidente que o pleno exercício da vida regular supõe uma certa cultura geral e um mínimo de recursos e de tempo livre, cuja apreciação fica a cargo do padrinho e do Comendador.

Ainda que as pessoas que possuem uma influência social vasta sejam naturalmente chamadas à cavalaria, é preciso não obedecer, no recrutamento, a considerações puramente humanas. Não foram os ricos e os poderosos deste mundo os pioneiros da ordem de cavalaria nos seus princípios. Lembremo-nos sempre que a Ordem não é um agrupamento fortuito de indivíduos

que perseguem cada um o seu fim particular, nem um círculo intelectual mundano, mas um corpo orgânico constituído por membros unidos na vida e na morte, no amor e no serviço às mesmas grandes realidades.

É por isso que o recrutamento e formação dos jovens é, em princípio, preferível ao de homens formados fora da influência cavaleiresca.

2. Os irmãos devem abandonar os seus preconceitos de classe, origem de incompreensão mútua de tantos cristãos, sem por isso negligenciar o cultivo das virtudes das suas tradições familiares.

Se alguém da Ordem é de nobre linhagem, que não tenha disso vaidade, mas, a exemplo dos seus antepassados, que se exceda em generosidade e em santidade a fim de se tornar, diante de Deus e dos homens, um verdadeiro aristocrata, um verdadeiro cavaleiro.

Porque, se a qualidade de cavaleiro supõe nobreza de coração, a qualidade de cristão, no que ela nos faz participar da divindade do Rei dos Reis, eleva-nos à mais alta nobreza que há no mundo.

3. Não haverá na Ordem senão Membros de Cristo dispostos segundo uma hierarquia que olha apenas o valor de cada um. *Nesta renovação*, diz o apóstolo São Paulo, *não se faz mais a distinção entre grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro, cita, escravo, livre, porque agora o que conta é Cristo, que é tudo e está em*

*todos*⁵⁰. Entrar na Ordem de Santa Maria é voltar as costas para o mundo para alcançar mais e melhor: porque *um homem que se alistou na milícia de Deus não se ocupa com os assuntos do século*⁵¹.

4. A Ordem acolhe todos os que desejam servir Cristo Rei e Nossa Senhora segundo o seu espírito e o seu Código de Honra, quer no seu próprio seio — a *Militia* —, quer na sua própria *Familia*, quer no *Movimento*⁵². As disposições gerais deste capítulo são retomadas em detalhe e precisadas pelo Costumeiro.

5. Todo postulante que deseja entrar na *Militia* deve saber que se liga à Ordem, temporária ou definitivamente, e que aceita antecipadamente, para ele e para os seus, todos os inconvenientes que podem resultar de pertencer a uma Ordem Católica, regular e militante. O postulante encontrará na Ordem uma Regra, um estilo de vida, uma doutrina e um vasto campo de ação onde exercer o seu zelo e, por acréscimo, uma fraternidade humana e cristã verdadeira. Ele encontrará aí também onde exercer as virtudes cristãs da humildade, da paciência, da resistência, da coragem, da perseverança; deixará à entrada toda ambição ou busca de progressão, mesmo que legítima. O Mestre da Ordem, ou o Prior,

50. Cl 3, 11.

51. 2Tm 2, 4.

52. Do francês “*mouvance*”. Refere-se a um *domínio*, uma *posse* instável e variável de terras no feudalismo, onde a propriedade era frequentemente redistribuída entre senhores e vassalos devido a obrigações e mudanças de poder.

em Capítulo de Honra, chama à cavalaria segundo critérios severos. A promoção a ser armado cavaleiro não é um direito de nenhum membro da Ordem.

6. O postulante é confiado a um cavaleiro ou a um donato, seu padrinho, designado pelo Comendador em face de seu julgamento seguro, da sua piedade fervorosa e da sua observância irrepreensível.

O padrinho deve examinar se ele tem zelo pela oração, pela obediência e pela humildade⁵³, se ama a Igreja e a verdade Católica, se está decidido a combater por elas até a morte, se não veio senão para SERVIR, a exemplo do Senhor e de Sua Santa Mãe e, por fim, se, de modo muito particular, é atraído ao serviço de Nossa Senhora pelo Reino de Cristo Rei — o que é a verdadeira pedra de toque.

Deve fazê-lo conhecer, amar e observar a Regra, e mostrar-lhe *que não se conquista o Céu com apatia, mas com coragem e espírito de sacrifício*⁵⁴. E que é vão procurar estabelecer neste mundo a Realeza de Cristo se nós não nos tivermos submetido previamente.

Deve ainda desenvolver nele o amor e a reverência dos cavaleiros para com Nossa Senhora, o gosto da Sagrada Escritura e da liturgia, o respeito para com as pessoas, os lugares e os objetos que tenham um caráter sagrado, o desejo da sabedoria e da união com Deus.

53. Cf. *Regra de São Bento*, 58.

54. Papa Pio XII.

O padrinho também velará pelo bom equilíbrio físico do postulante; inculcar-lhe-á a estima cristã do corpo, da sua pureza, do seu vigor, da sua beleza; mostrar-lhe-á como o disciplinar e endurecer para o fazer um instrumento dócil da alma e do Espírito Santo; sobretudo se ele é ainda jovem, incitá-lo-á a exercitar o seu corpo, porque o cavaleiro deve estar sempre pronto a combater pelo Senhor: o treino físico faz parte da ascese cavaleiresca.

Enfim, prepará-lo-á, sob o controle do capelão, para a sua profissão de Fé, a sua consagração a Nossa Senhora e a sua recepção na Ordem. O postulante nunca dura menos de três meses.

7. No dia fixado para a sua recepção, o postulante pronunciará a sua profissão de Fé católica, fará ou renovará a consagração à Santíssima Virgem segundo São Luís Maria Grignon de Montfort, e será recebido na Ordem, como sargento ou freire-de-armas, pelo Comendador, em presença do capítulo. Ninguém é recebido na *Militia* ou no corpo auxiliar se não se tiver dado e consagrado a Maria, a quem a Ordem pertence. A partir do dia da sua recepção, o novo freire é obrigado a observar a Regra e a assistir aos capítulos da Ordem.

8. Os freires sargentos são homens com uma piedade e zelo provados, com qualidades certas de militantes e de homens de ação, mas que não podem ou não querem aceder ao pleno exercício da vida cavaleiresca e

regular. Uma observância simplificada e adaptada permite-lhes participar na oração e no combate da Ordem segundo as suas competências, dar a ela o concurso de seu trabalho e espalhar o espírito da *Militia* onde trabalham. Na sua recepção ou “compromisso”, prometem fidelidade à Ordem por um ano, reconduzida tacitamente de ano em ano, salvo rescisão expressa.

9. Os freires-de-armas são os noviços da Ordem. Durante o ano que segue à sua recepção, participam na vida regular da Ordem, e o seu principal papel é a formação cavaleiresca em todos os planos: espiritual, intelectual, moral e físico. Um programa de estudo lhes é fornecido, e devem, no fim do ano, testemunhar os conhecimentos adquiridos. A formação dos freires-de-armas, tendo por base a Regra, como se disse anteriormente, incidirá sobre a teologia e a Sagrada Escritura, a doutrina tradicional da Igreja em matéria política e social e a tradição cavaleiresca. Far-se-á num espírito de oração, por meio de leituras e de instruções orais. Jamais se perderá de vista que se trata muito mais, para os freires da Ordem, de adquirir uma sabedoria sobrenatural do que uma simples cultura de espírito. Pois que é da nossa sabedoria, não da nossa ciência, que o mundo tem necessidade, como está escrito: *uma multidão de sábios é a salvação do mundo*⁵⁵. É-se freire-de-armas durante pelo menos um ano, e enquanto os estudos prescritos não se completarem. Os freires-de-armas podem deixar a Ordem por simples demissão.

55. Sb 6, 24.

10. Os freires-de-armas que tenham testemunhado os seus conhecimentos e a sua boa observância são nomeados escudeiros. Considerados então como membros maiores da Ordem, os escudeiros preenchem todas as funções que lhes são confiadas, com a exclusão de cargos hierárquicos. Com o escuderato, atinge-se o grau ao qual todo freire da Ordem que não é sargento pode aspirar. A duração do escuderato nunca é inferior a um ano, e pode prolongar-se indefinidamente.

11. Os escudeiros que deram provas múltiplas da sua fidelidade à Ordem e à observância da Regra e desempenharam, de modo satisfatório, os cargos que lhe tenham sido confiados, podem ser elevados, com o seu consentimento, por decisão magistral ou prioral, ao grau de Donato de Justiça. Os freires-de-armas ou os sargentos, pelos seus serviços excepcionais, podem ser elevados diretamente ao grau de Donato, nas mesmas condições. Terão então o título de Donato de Graça. Os donatos emitem — por uma duração de três anos, reconduzidos tacitamente de modo perpétuo, salvo rescisão — a tripla promessa solene de *conversão dos costumes, fidelidade à Ordem e defesa da Igreja*.

12. Os escudeiros que, além das qualidades exigidas aos donatos, respondam a todos os critérios da cavalaria e desempenhem com perfeição todas as missões ou encargos a eles confiados, mesmo difíceis ou perigosos, podem ser elevados, com o seu consentimento, pelo Mestre ou Prior, ao estado de cavaleiro. Emitem, então,

segundo o cerimonial da Ordem, os três votos perpétuos que constituem a profissão:

- *A conversão dos costumes*: o compromisso de viver a partir de então, em todas as circunstâncias da vida, com a família de que é o chefe, segundo as leis da cavalaria e segundo a Regra da Ordem, no estado de vassalagem diante de Cristo Rei e de Nossa Senhora.

- *A fidelidade à Ordem*: a obediência aos chefes da Ordem nos limites da Regra, e o dever de entreajuda fraterna para com todos os membros.

- *A defesa da Igreja*: compromisso especial, análogo ao voto de cruzada, de defender a Igreja, a sua Fé, a sua Hierarquia, as suas instituições, os seus direitos, mesmo com perigo da própria vida; e de responder a todo apelo do Soberano Pontífice para cumprir toda missão, mesmo custosa ou perigosa, que Sua Santidade se digne confiar aos seus cavaleiros.

O novo professo velará uma noite inteira e receberá no dia seguinte, depois de ter ouvido a Missa e comungado, a *Benedictio Novi Militis* segundo o Pontifical Romano.

Por este sacramental da Igreja, o cavaleiro recebe oficialmente a *missão* de combater os inimigos de Deus e do homem e de alargar cá na terra as fronteiras do reino de Deus, com a graça necessária para a cumprir. Toda a sua vida doravante é consagrada ao serviço da Cristandade: que ele se torne digno de uma tal honra.

O cavaleiro de Nossa Senhora marca toda a Ordem de carácter cavaleiresco, de modo que todos os seus membros, comprometidos no mesmo combate, participam, de alguma maneira, dos deveres, da dignidade e da graça conferidos por esse rito venerável: todos devem considerar-se como ligados à Virgem Real pelo serviço da cavalaria.

O adubamento conferido por um cavaleiro pode, em certas circunstâncias julgadas pelo Mestre e pelos Priores, ser utilizado no lugar da *Benedictio Novi Militis*. Ele cria cavaleiros com a mesma missão e os mesmos deveres que os outros, aos quais a graça de Deus não faltará. Igualmente, um cavaleiro pode armar cavaleiro outras pessoas qualificadas, em caso de perigo grave, se ele se encontra isolado do seu superior hierárquico.

O adubamento, impondo deveres precisos para a defesa da Cristandade, não pode ser licitamente conferido a pessoas inaptas ou não qualificadas. *Ninguém pode ser cavaleiro se não for homem de Fé viva, tendo atingido a maioridade legal, são de espírito e de corpo, de costumes íntegros e de boa reputação, nobre de coração e leal, corajoso física e moralmente, tendo provado, por uma série de ações positivas ou por uma grande façanha, seu serviço à Cristandade, à Pátria, ao próximo ou à Ordem, capaz de exercer um ascendente moral sobre os outros, animado da vontade de observar, em todos os pontos, o Código de Honra cavaleiresco e a Regra, mesmo*

*com perigo de seus bens e da sua vida*⁵⁶. Todo cavaleiro é um chefe nato, *senhor de si mesmo*, apto a arrastar os seus irmãos até ao cimo, à volta de quem, espontaneamente, as pessoas se agrupam nos combates da vida. Todo cavaleiro tem um movimento.

A estes critérios gerais, é preciso acrescentar as características dum cavaleiro de Nossa Senhora: humildade, piedade, amor pela Virgem e pela Igreja, observância irrepreensível, assiduidade aos capítulos e às atividades da Ordem e, além disso, dedicação indefectível à Ordem e preferência efetiva pelo serviço cavaleiresco, colocado acima de toda outra atividade ou grupo: *é-se Cavaleiro de Nossa Senhora antes de tudo, em tudo, sempre e em toda parte*.

13. Os membros da Ordem que queiram consagrar-se inteiramente a Deus pelos votos de pobreza, castidade e obediência e levar uma vida de oração, de renúncia e de ação cavaleiresca a serviço da Ordem e de seus fins agrupam-se em Comendadorias Conventuais sob a orientação de um Comendador assistido por um capelão. Cumprem dois anos de noviciado antes de emitir os seus votos religiosos. Realizam, individualmente ou em comunidade, todas as missões compatíveis com a sua vocação, que o Magistério da Ordem lhes confia. O Magistério procurará, com o maior cuidado, não confiar aos irmãos conventuais tarefas que pertencem normalmente aos cavaleiros seculares, em razão da sua inserção

56. *Princípios de ontem para uma cavalaria do terceiro milênio*, artigo 13ºb.

nas comunidades naturais da cidade terrestre, de modo a que a natureza da Ordem não se modifique. Os conventuais não são e não devem se tornar o centro dirigente da Ordem, mas eles são um corpo de elite a serviço de toda a Ordem. O seu estado não traz qualquer superioridade hierárquica ou honorífica. Inclusive, os cavaleiros conventuais renunciam voluntariamente aos cargos magistras e priorais, e a todas as dignidades da Ordem, exceto as de Visitadores e Comendadores Conventuais. À semelhança dos antigos templários que foram monges e soldados, tendem à perfeição da caridade evangélica travando o duplo combate contra os inimigos invisíveis e visíveis da Igreja, e esforçam-se por dar a todos os irmãos o exemplo duma vida de honra e de coragem, inteiramente disponível para o mais elevado serviço. O Visitador Magistral é o superior hierárquico de todas as Comendadorias Conventuais; por isso, está submetido diretamente ao Mestre e é membro do seu conselho. O Diretório, parte do Costumeiro, regula a observância particular das Comendadorias Conventuais.

14. Os Padres que desempenham as funções de capelães nos diversos escalões da Ordem têm o título de capelães. Depois de um ano de ministério na Ordem, são titularizados quer como capelães de devoção, sem elo jurídico, quer como capelães de obediência, com promessa de fidelidade à Ordem. O capelão geral, os capelães priorais e os conventuais são capelães de obediência, salvo derrogação especial.

Os capelães não estão investidos dos poderes hierárquicos da Ordem, mas desempenham um papel de ensino e de controle em tudo o que diz respeito à doutrina, à espiritualidade, à moral, às leis canônicas e à liturgia. Pertencem de direito ao capítulo correspondente à sua função. Devem entrar no espírito da Regra, guiar a piedade dos irmãos no sentido que ela determina, ser animadores espirituais e imagens vivas do Senhor Jesus, que representam sobre a terra. Além dos deveres particulares do seu cargo pastoral, comprometem-se a rezar e a oferecer penitências e sofrimentos pela Ordem, pela santificação de seus membros e pela sua ação a serviço da Cristandade. Celebram, pelo menos duas vezes por ano, o Santo Sacrifício da Missa por estas mesmas intenções.

Os prelados e os padres que compartilham do ideal cavaleiresco, e que a Ordem quer honrar, recebem o título de Prelados e Capelães de honra. Os bispos que dão à Ordem, na sua diocese, um Ato de estabelecimento e uma igreja capitular são Prelados da Ordem. O bispo de Chartres, centro espiritual da Ordem, tem o título de Primaz da Ordem.

15. A Ordem, reconhecendo na família uma instituição divina, santificada por um sacramento, pode receber, com o título de irmã, as esposas, filhas e irmãs dos seus membros que o peçam. As mulheres dos cavaleiros que desejam militar na Ordem e ligar-se a ela seguindo o seu marido, podem, além disso, ser

admitidas à profissão depois de um tempo de provação conveniente: são as únicas *Damas da Ordem*. Irmãs e Damas não têm função hierárquica na Ordem, mas participam dos capítulos e de todas as atividades que lhes sejam adequadas. Dão a toda a vida familiar, especialmente no que diz respeito à educação dos filhos, um estilo verdadeiramente cavaleiresco, e praticam, com boa vontade e com toda a cortesia, a hospitalidade prevista pela Regra. Prolongam a amizade fraterna dos cavaleiros por uma amizade sólida entre as famílias da Ordem. Esforçam-se por ser imagens vivas da Dama por excelência, a Virgem Maria, Rainha do Céu e da Terra: como Ela, inspiram, através do amor, as altas virtudes viris que fazem os heróis e santos.

16. A Ordem recebe igualmente rapazes e moças: são os *Pajens* e as *Donzelas*. Os Pajens, agrupados em *mesnadas*⁵⁷, recebem uma formação espiritual, moral e física conforme a tradição da cavalaria. A serviço de um cavaleiro, por um treino apropriado no seio do meio natural da criação e pelo exercício das *Artes Cavaleirescas*, eles aprendem a forjar uma alma elevada e, se possível, um corpo vigoroso, onde a graça de Deus habite. Regem-se pelos “Usos e Costumes”.

As Donzelas, filhas ou irmãs de membros da Ordem, são confiadas a Damas ou a Irmãs da Ordem; estas desenvolvem naquelas sobretudo as virtudes que

57. Do francês medieval “*mesnie*”. Refere-se ao contingente militar de um castelo, composto por soldados responsáveis pela defesa, segurança do senhor e patrulha das terras sob sua jurisdição.

fazem a jovem cristã e a Dama de Cavalaria, impondo, só pela sua presença, o respeito do que é belo e nobre e fazendo recuar toda vulgaridade e baixeza.

Pajens e Donzelas podem participar, segundo a sua idade e as suas disposições, em diversas atividades da Ordem.

17. A *Familia* reúne as pessoas que, sem entrar na Ordem propriamente dita, desejam participar na sua oração e no seu combate, ajudar os cavaleiros, prolongar a sua ação e fazer irradiar o seu espírito. Compõe-se essencialmente do *Corpo Auxiliar dos Servos de Nossa Senhora* e do *Corpo de Apoio Espiritual*, aos quais se juntam os Amigos, agrupados ou não em associação.

O *Movimento* da Ordem, sem nenhuma forma jurídica determinada, designa toda pessoa ou movimento que se encontra sob a influência mais ou menos direta da Ordem e dos seus cavaleiros, aprove o seu espírito e mostre disposição de cooperar numa ou noutra das suas atividades.

18. A Ordem é governada por um cavaleiro, o *Mestre*, assistido pelos seus oficiais, conselheiros e pelo capítulo geral. O Mestre, os Priores, os Bailios, os Comendadores e os Preceptores, e todos os que receberão o cargo tremendo de dirigir os seus irmãos nas vias da honra cavaleiresca, lembrar-se-ão que detêm uma parte da Autoridade do Cristo Rei, a quem um dia

terão de prestar contas da sua gestão, não somente por si, mas também pela fidelidade dos seus pares.

Que evitem, pois, exercer um poder tirânico; que não esqueçam que o comando é um serviço, o mais alto de todos e o mais exigente. Que se apliquem, portanto, à justiça e mais ainda à misericórdia, à humildade e à *discrissão, que é a mãe de todas as virtudes*. Professem uma doutrina irrepreensível e mostrem a todos o exemplo de uma submissão perfeita à Santa Igreja. *Que se esforcem ainda mais por se fazer amar do que temer. Acima de tudo, que observem a presente Regra, para que, depois de terem bem servido, ouçam do Senhor a palavra dita ao bom servidor: Em verdade vo-lo digo, o Mestre estabelecerá sobre todos os seus bens*⁵⁸.

Os cavaleiros, todos pares e igualmente depositários, em virtude do adubamento, da missão e da graça cavaleirescas, participam hierarquicamente, por seus sábios conselhos e por sua colaboração fraterna, no bom andamento da Ordem, em todas as formas previstas pelo Costumeiro.

19. A presente Regra, serva⁵⁹ do Evangelho, constitui o fundamento imutável da Ordem. É completada, interpretada e adaptada — se for necessário às circunstâncias de tempo e de lugar — pelo Costumeiro, que

58. *Regra de São Bento*, 64; Cf. Mt 24, 47.

59. No francês, “*servante*”. No período medieval, *servante* era um jovem nobre que se dedicava ao serviço de uma dama e, por extensão, qualquer homem que se colocasse com zelo ao serviço de uma mulher.

é a codificação dos usos da Ordem, promulgada pelo Mestre. Toda a modificação do Costumeyiro deve receber, em capítulo geral, o assentimento da maior parte dos cavaleiros.

À Regra e ao Costumeyiro se juntam, além disso, um Cerimonial.

CAPÍTULO III

Como deve ser o cavaleiro de Nossa Senhora

1. Aquele que entrou na Ordem de Santa Maria tomou a Cruz e fez a Cristo o sacrifício de sua vida, aceitando de antemão os combates, as contradições, as humilhações e a morte que o Senhor Jesus, no seu imenso amor para com todos os homens, se dignou tomar sobre si e partilhar com os seus amigos. Recebe por lei o Código de Honra Cavaleiresca, expressão de sua absoluta fidelidade a Deus:

- I – O cavaleiro combate por Cristo e pelo seu Reino.
- II – O cavaleiro serve a sua Dama, a Virgem Maria.
- III – O cavaleiro defende a Santa Igreja até o sangue.
- IV – O cavaleiro mantém as tradições dos seus Pais.
- V – O cavaleiro combate pela Justiça, pela ordem cristã e pela Paz.

VI – O cavaleiro trava contra o mundo e o seu Príncipe uma guerra sem trégua nem misericórdia.

VII – O cavaleiro honra e protege os pobres, os fracos e os deserdados.

VIII – O cavaleiro despreza o dinheiro e os poderes deste mundo.

IX – O cavaleiro é humilde, magnânimo e leal.

X – O cavaleiro é puro e cortês, ardente e fiel.

2. Segundo a concepção de São Bernardo, o cavaleiro de Nossa Senhora é soldado de Deus: une a vida contemplativa à vida ativa para travar contra os inimigos de Cristo o duplo combate, sobrenatural e natural, e golpeá-los com espada de dois gumes.

3. Soldado, ele o é, primeiramente, no sentido do *bonus miles Christi Jesu*⁶⁰. Deve trazer em si a decisão sem recuo dos primeiros cristãos em face ao paganismo, pois que se trata, para ele, de mudar a vida em um mundo e diante de um mundo que renegou Cristo. A Fé em Cristo, na fidelidade à Igreja, é a rocha inabalável sobre o qual se apoia *não uma fé mutilada, anêmica, edulcorada, mas uma Fé em toda a sua integridade, pureza e vigor*⁶¹. A sua primeira vitória, deve-a obter sobre si mesmo por uma verdadeira conversão; o seu primeiro objetivo é a conquista de si mesmo. Então, e só

60. 2Tm 2, 3.

61. Pio XII, *Discurso aos membros do movimento "Rinascita Cristiana"*, 22 janeiro de 1947.

então, pode combater diretamente os inimigos visíveis da Igreja e da Cristandade, com a certeza de vencer.

4. As etapas desta conversão, a tradição mística da cavalaria descreve-as sob o nome de *Demanda do Santo Graal*, a qual não é outra coisa senão a procura do próprio Deus e da Sabedoria divina escondida no Coração de Cristo.

Esta busca espiritual começa pelo temor filial, como está escrito: *princípio da Sabedoria é o temor do Senhor*⁶². Implica uma vida de recolhimento e de intimidade com Nosso Senhor e com Nossa Senhora, e sacrifica voluntariamente a esta intimidade os prazeres do mundo, os espetáculos muito frequentes ou levianos, as conversas frívolas e ociosas, a vida desregrada e fantasista. Foge da agitação e do barulho e continua no silêncio interior. Não avança senão pela oração assídua e pela meditação prolongada das Sagradas Escrituras, pela renúncia à mentalidade do mundo e pela penitência. Triunfa de provações numerosas pela Fé, pela paciência e pelas outras armas da luz. Finalmente, termina na contemplação: o cavaleiro que encontrou a Sabedoria volta para o mundo um olhar purificado, torna-se capaz de discernir o grande desígnio de amor do Deus vivo e de com ele cooperar com perfeição.

5. Os cavaleiros de Nossa Senhora não devem viver num luxo amolecedor, mas rudemente, como peregrinos em viagem, como soldados prontos a lançar-se em combate.

62. Sr 1,16.

Devem guardar somente o necessário, um necessário prático e de bom gosto, e banir todo o supérfluo; não devem afeiçoar-se aos objetos materiais, mesmo quando se trata para eles de recordações. O seu apego dirige-se a Cristo, de quem tomaram a Cruz. *Que eles se apliquem, pois, a estar nus e despojados de tudo*⁶³. Sabem que os seus bens são empréstimos de Deus dos quais uma parte pertence aos pobres⁶⁴.

6. Guardarão uma grande pureza de corpo e de alma, seja no estado de celibato, seja no casamento, a fim de serem dignos de *seguir a Cristo por todo o lado para onde Ele vá*⁶⁵, e de serem templos do Espírito Santo à imagem da Gloriosa Mãe de Deus.

7. Os cavaleiros de Nossa Senhora amarão a Igreja com o mesmo amor com que amam a Mãe de Deus. Será para eles uma fonte de graças abundantes, como também um sinal muito seguro de predestinação. Porque, diz-nos Santo Agostinho, *nós também recebemos o Espírito Santo se amamos a Igreja, se estamos mutuamente unidos na Caridade, se nos regozijamos com o nome católico e a Fé católica. Convençamo-nos, irmãos, de que cada um possui o Espírito Santo na medida em que ama a Igreja de Cristo*⁶⁶.

63. Regra de Nossa Senhora de La Salette, n° 7.

64. Cf. Vaticano II, *Gaudium et Spes*, n° 69.

65. Ap 14, 4.

66. Santo Agostinho, *Comentário ao Evangelho de São João*, Tratado 32, 8.

8. Guardiões e defensores da Tradição Cristã, os cavaleiros de Nossa Senhora esforçar-se-ão por apagar neles todo o traço de materialismo, de naturalismo, de liberalismo, ou de modernismo. Detestam a vontade perversa dos homens que querem construir um mundo sem Deus. Recusam, com toda a energia, todo laicismo sob qualquer forma que se apresente. Repudiam as ideologias enganosas, as falsas liberdades revolucionárias definidas e condenadas pelos Romanos Pontífices. Sabem que *os verdadeiros amigos do povo não são revolucionários, nem inovadores, mas tradicionalistas*⁶⁷. Para eles continua sagrada esta regra antiga: *Nihil innovetur, nisi quod traditum est*⁶⁸. Esforçam-se, pois, a *pensar com a Igreja*⁶⁹, em todos os domínios, e a viver em todas as coisas de acordo com a sua Fé.

9. Herdeiros de quinze séculos de civilização cristã, os cavaleiros devem ser profundamente civilizados, no nobre sentido do termo. Mostrar-se-ão de uma grande polidez e cortesia entre eles e para com o próximo. Segundo a recomendação do Apóstolo, que eles se pre-disponham *a honrar-se uns aos outros*⁷⁰.

Evitarão, do mesmo modo, em todo o tempo, a vulgaridade de linguagem, sabendo que um homem que se habitua a uma linguagem grosseira jamais atingirá

67. São Pio X, *Notre Charge Apostolique*, 39.

68. Santo Estêvão, *Carta a Cipriano de Cartago*, cap. 1, citado por Papa Bento XV, Encíclica *“Ad beatissimi Apostolorum”*.

69. *“Sentire cum Ecclesia”* – Santo Agostinho.

70. Rm 12, 10.

a Sabedoria⁷¹. Todas as palavras vis, com efeito, lhe são proibidas, e todas as cortesias e todo o bem a fazer lhe são confiados⁷². Enfim, manifestarão no exterior a dignidade da sua vida por uma atitude e um porte irrepreensíveis, de acordo com o preceito da Escritura: *Glorificai, portanto, a Deus no vosso corpo*⁷³.

10. Serão simultaneamente mansos e violentos, porque o Senhor disse: *Bem-aventurados os mansos, pois eles herdarão a terra*⁷⁴, e: *aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração*⁷⁵; e está escrito também: *o Reino dos Céus irrompe com força e os fortes dele se apoderaram*⁷⁶. Amarão, pois, a Deus com toda a violência que um tal amor exige; odiarão o demônio e o mal sem deixar de ser mansos para com os pecadores.

Procurarão, acima de tudo, a paz, mas não hesitarão em fazer aos inimigos de Cristo uma guerra sem trégua e sem misericórdia. Porque, se o Senhor disse: *deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz*, Ele não a dá como a dá o mundo⁷⁷; é por isso que Ele nos diz também: *não vim trazer a paz, mas, sim, a espada*⁷⁸.

71. Cf. Sr 23, 20.

72. *Regra dos Templários*, Vida Conventual, n° 325; Recepção dos freires, n° 679.

73. 1Cor 6, 20.

74. Mt 5, 5.

75. Mt 11, 29.

76. Mt 11, 12.

77. Jo 14, 27.

78. Mt 10, 34.

11. A cavalaria não é um assunto de condecorações, um pretexto de vaidade, nem um direito a ter a consideração do mundo; os cavaleiros não terão em vista senão os encargos e os deveres aos quais o seu estado os obriga. Na medida em que eles tiverem respondido à sua vocação e à graça do adubamento cavaleiresco, poderão mostrar-se orgulhosos de ser cavaleiros, segundo a palavra de S. Paulo: *quem se gloria, glorie-se no Senhor*⁷⁹. Que primeiramente saibam bem que o cavaleiro é o servidor de todos, e particularmente dos fracos. A humildade é uma das principais virtudes; *os mais humildes têm o primeiro lugar nos Corações de Jesus e Maria*⁸⁰. E o Senhor disse: *quem quiser ser o maior, no meio de vós, seja aquele que vos serve, e quem quiser ser o primeiro, no meio de vós, seja o servo de todos; pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos*⁸¹. Que eles meditem muito frequentemente no seu coração, portanto, a nobre divisa dos cavaleiros do Templo: NON NOBIS, DOMINE, NON NOBIS, SED NOMINI TUO DA GLORIAM⁸².

12. São Gregório Magno anuncia antecipadamente o caminho do cavaleiro quando diz: *Se procurais o cume da verdadeira honra, aspirai o Reino Celeste*⁸³. Toda a lei da honra cavaleiresca está contida na fidelidade,

79. 2Cor 10, 17.

80. Cf. *Regra de Nossa Senhora de La Salette*, nº 16.

81. Mc 10, 43-45.

82. Sl 113, 9 – Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória.

83. São Gregório Magno, *Homilias sobre os Evangelhos*, nº 15.

virtude por excelência do cavaleiro, a quem o Senhor dá este mandamento e faz esta promessa: *Sê fiel até à morte, e eu te darei a coroa da vida*⁸⁴.

84. Ap 2, 10.

CAPÍTULO IV

Do serviço de Nossa Senhora

1. Ninguém é um verdadeiro cavaleiro se não estiver pronto a sacrificar-se totalmente pela honra da sua Dama. A Dama dos cavaleiros da Ordem é a Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, e a honra de Nossa Senhora é a glória de Deus. A Ordem é sobre a terra, a título especial, a Corte da Santíssima Virgem, como os Anjos no Céu lhe são uma escolta gloriosa.

2. A vida espiritual dos cavaleiros está inteiramente confiada à Santa Mãe de Deus, que é a Mãe do Cristo total. Ela tem por missão comunicar-lhes a vida divina e de os gerar, com Cristo, para a vida eterna. Ela é a guardiã da sua fidelidade a Cristo, e todos lhe dirigem o grito tradicional da antiga cavalaria: *NOSSA SENHORA, GUARDAI-NOS DO PERJÚRIO!*

3. Os cavaleiros aprenderão a conhecer Cristo Jesus por sua divina Mãe; escutarão, no fundo da alma, os segredos de santidade que Maria colhe sem cessar na intimidade do Coração de Jesus; não separarão o Coração de Jesus do Coração de Maria.

4. Amarão meditar o que o Evangelho, os Padres e o Magistério da Igreja nos ensinam de Maria, e darão assim à sua piedade o fundamento sólido da Fé Católica⁸⁵.

5. Por amor para com Nossa Senhora, Virgem Fiel, espelho da perfeição divina, esforçar-se-ão por se lhe assemelhar, imitando as suas virtudes. Particularmente:

- *A Fé*, que recebe sem hesitação a mensagem das revelações divinas, como está escrito: *Bem-aventurada aquela que acreditou*⁸⁶;

- *A pureza* de um ser todo inteiro dado a Deus, sem complacência para com o pecado nem compromisso com o mundo;

- *A humildade*, que reconhece a sua condição de serva⁸⁷ e procura apagar-se diante de Deus;

- *A magnanimidade*, enfim, pela qual a humilde Virgem de Nazaré aceitou, com um mesmo coração, a espada da compaixão⁸⁸ e a glória da maternidade divina e real, com todos os privilégios que daí decorrem.

85. Cf. Vaticano II, *Lumen Gentium*, nº 67.

86. Lc 1, 45.

87. Cf. Lc 1, 38.

88. Cf. Lc 2, 35.

6. Os irmãos honrarão a Virgem com fervor no seu santuário de Chartres, contribuirão para o esplendor do seu culto pela celebração dos seus ofícios e dos seus capítulos e por toda espécie de boas obras. É, com efeito, na cripta antiquíssima de *Notre-Dame de Sous-Terre* que a *Virgem que vai dar à luz*⁸⁹ o Rei de todos os séculos se dignou estabelecer os seus cavaleiros, ensinando-lhes que só o grão metido na terra dá muito fruto⁹⁰, e que a glória futura do Reino dos Céus tem um começo humilde e escondido. Do mesmo modo, os irmãos honrarão os outros lugares sagrados que a Ordem recebeu a título de igrejas capitulares, nos diversos países onde está implantada, e em geral os santuários dedicados à Virgem ou visitados por Ela com vista à Parusia.

7. Os cavaleiros da Ordem serão ardorosos em promover o Reino de Nossa Senhora tanto nas almas como nas instituições. Serão sempre os defensores da sua honra, não se resignando a ver os títulos sagrados da Mãe de Deus desconhecidos ou cobertos pelo silêncio. Onde quer que Maria for Rainha, Jesus Cristo será Rei.

89. Inscrição antiga encontrada sob os pés da imagem de N. Senhora de Sous-Terre, em Chartres, na França: "*Virgini Pariturae*".

90. Cf. Jo 12, 24.

CAPÍTULO V

Da obediência

1. O verdadeiro espírito cristão reconhece na obediência não somente a condição da boa ordem em toda a sociedade, mas ainda, e sobretudo, o ato sobrenatural pelo qual nós rendemos homenagem à autoridade divina e restabelecemos, na justiça e na humildade de nossa submissão, a ordem hierárquica da criação manchada pelo pecado.

2. Assim compreendida, a obediência é um bem⁹¹ soberanamente desejável para todo cristão preocupado em participar na obra da Redenção, e muito mais ainda para cavaleiros que fazem profissão de imitar Cristo e Nossa Senhora e estabelecer, segundo os seus meios e com a ajuda da graça, uma ordem cristã no mundo.

91. Cf. *Regra de São Bento*, 71.

3. É, pois, com a solicitude da Caridade que emitirão o seu voto de fidelidade à sua Ordem, fidelidade que implica a observância da Regra e a obediência ao Mestre e aos dignatários, segundo os limites da Regra.

Esta fidelidade conferirá a toda a Ordem a bela unidade das inteligências e dos corações no serviço de Nossa Senhora, Soberana da Ordem e Suserana de cada um deles.

Mas é preciso, primeiro, estar bem persuadido de que *a obediência*, segundo nosso Pai São Bernardo, *não pode nascer senão numa alma liberta e purificada totalmente do espírito do mundo*⁹². Falando dos cavaleiros do Templo, São Bernardo diz ainda: *Neles, a disciplina não falta, a obediência nunca é desprezada... Dir-se-ia que toda esta multidão não tem senão um só coração e uma só alma, de tal modo cada um se apressa, não a seguir a sua própria vontade, mas a obedecer àquele que manda*⁹³. E aos seus monges, precisa: *Não é de resto uma obediência leprosa nem uma paciência de cão que se espera de vós; a obediência é o alimento delectável que, segundo diz o Senhor, consiste em fazer a vontade de Seu Pai.*

4. Mas esta obediência, diz o glorioso patriarca São Bento, não será agradável a Deus e doce aos homens senão quando o que for mandado for executado sem hesitação, sem atraso, sem tibieza, sem murmuração e sem nenhuma palavra de resistência; porque a

92. São Bernardo de Claraval, *Sermões Diversos*, sermão 41.

93. *Em louvor da nova cavalaria*, IV, 7.

obediência que se deve aos superiores se liga a Deus; porque Ele mesmo disse: “*Quem vos ouve, a Mim ouve*”⁹⁴.

5. Quer seja Deus mesmo que mande, acrescenta São Bernardo, ou um homem a quem se delega a sua autoridade, é preciso obedecer com o mesmo zelo e o mesmo respeito. Supondo, naturalmente, que este homem não ordene nada que seja contrário à Lei de Deus; e se tal caso se produzisse, a única regra que poderíamos seguir seria, na minha opinião, a que dá o Apóstolo Pedro: “*É melhor obedecer a Deus do que aos homens*”⁹⁵. Só isto poderia impedir-nos de cair na situação equívoca dos fariseus que o Senhor censurou: *Por que violais o mandamento de Deus para seguir as vossas tradições humanas?*⁹⁶

6. Os cavaleiros devem, pois, obedecer segundo os sete graus que São Bernardo distingue: o consentimento da vontade, a simplicidade, a alegria, a prontidão, a coragem, a humildade e a perseverança⁹⁷. *Que eles sejam de uma obediência perfeita em tudo e em toda parte*⁹⁸, porque o homem obediente cantará as suas vitórias⁹⁹.

94. *Regra de São Bento*, 5; Lc. 10, 16.

95. At 5, 29.

96. Mt 15, 3.

97. Cf. São Bernardo de Claraval, *Sermões Diversos*, sermão 41.

98. *Regra de Nossa Senhora de La Salette*, nº 4.

99. Pr 21, 28.

7. Neste espírito, e embora todos sejam iguais no que respeita a serem cavaleiros, aceitarão facilmente a autoridade do Mestre, do Prior e do Comendador no que diz respeito às observâncias da Regra, e um certo direito de vigilância dos mesmos dignatários sobre a sua ação pessoal que sempre deve ser inspirada pelo Código de Honra e os fins da Ordem. Em particular, todo cavaleiro é obrigado a submeter-se a toda convocação do Mestre da Ordem, salvo em caso de impossibilidade reconhecida.

8. Os dignatários terão, contudo, atenção às circunstâncias e às situações pessoais antes de ordenar o que quer que seja de importante. Serão, pois, os mais humildes, afáveis com os seus irmãos, severos consigo próprios. *Antes de fazer uma correção, elevarão sempre a sua alma a Deus*¹⁰⁰.

9. Que os cavaleiros nunca percam de vista a grandeza da obediência, primeira e efetiva homenagem à Autoridade que vem da Paternidade divina. A disciplina é a honra e a força daqueles que compreenderam e reverenciam esta Paternidade, fonte da Justiça e da Ordem.

Os cavaleiros farão tudo por restaurar esta grande virtude da obediência, fortemente abalada pelo espírito de revolta satânica do mundo moderno: *Porque a rebelião equivale a um pecado de magia, e a obstinação à*

100. *Regra de Nossa Senhora de La Salette*, nº 10.

*idolatria*¹⁰¹. E já que o servo não é maior que seu senhor¹⁰², imitarão o *Rei dos Reis e Senhor dos Senhores*¹⁰³ que se dignou submeter-se à vontade de um outro, segundo o que disse: *Eu desci do Céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade d'Aquele que me enviou*¹⁰⁴. Com efeito, o Senhor *fez-se obediente até à morte, e morte de cruz*¹⁰⁵.

10. Todavia, os cavaleiros de Nossa Senhora farão uma oposição vigorosa e sem tréguas às leis ímpias (que não são leis). Se as leis do Estado estão em contradição declarada com a Lei divina, se contiverem disposições prejudiciais à Igreja ou prescrições contrárias aos deveres impostos pela Religião, se violam, no Sumo Pontífice, a Autoridade de Jesus Cristo, há a obrigação, em todos estes casos, de resistir, e obedecer seria um crime cujas consequências recairiam sobre o próprio Estado¹⁰⁶. Porque o bem do homem e da sociedade jamais se encontra na desobediência a Deus.

101. 1Sm 15, 23.

102. Jo 15, 20.

103. Ap 19, 16.

104. Jo 6, 38.

105. Fl 2, 8.

106. Cf. Papa Leão XIII, *Sapientiae Christianae*, nº 12.

CAPÍTULO VI

Da correção fraterna

1. Se alguém tem qualquer coisa contra o seu irmão, que lhe diga em segredo, segundo o preceito divino¹⁰⁷, para que reine na Ordem uma santa emulação. O Senhor, que sabe tirar o bem do mal, utiliza, com efeito, para a nossa santificação, a nossa propensão para ver o argueiro no olho do nosso próximo. Se, depois de um primeiro aviso, o irmão não se corrige, devemos pedir-lhe de novo, com mais um ou dois outros irmãos; se ele continuar sem se corrigir, é necessário avisar o Comendador, que o sancionará, e poderá impor orações à comunidade. A oração e a humildade fazem Satanás perder todo o poder. Se um cavaleiro ofende um dos seus irmãos por palavras ou por atos, que repare a sua falta e se reconcilie com ele antes do pôr do Sol¹⁰⁸.

107. Cf. Mt 18, 15.

108. Cf. Ef 4, 26.

2. Ainda que os preceitos da Regra não comprometam sob pena de pecado, não são por isso sem obrigação nem sanção. Por isso os irmãos declararão lealmente em Capítulo as suas próprias faltas exteriores em relação à Regra, ao Código de Honra e aos diversos encargos¹⁰⁹ que lhes foram confiados. O capelão, ou na sua falta o Comendador, imporá uma leve reparação sob a forma de orações ou de mortificação.

Pelas faltas mais graves, ausência injustificada a vários capítulos, violação de um segredo capitular, desobediência formal a uma ordem recebida etc., o Comendador, assistido do capítulo de honra, pode impor, além disso, a privação temporária do manto e a proibição temporária do quadro da *Obra de Deus*.

Quanto às faltas muito graves contra a honra cavaleiresca, são da alçada do Capítulo de Justiça, nas condições reguladas pelo Costumeiro.

3. Todos os irmãos da Ordem têm o dever de praticar entre eles a correção fraterna, sem distinção de grau; no que se refere ao Comendador, dever-se-á usar do maior respeito e não insistir. Todavia, se se averiguar que ele violou deliberadamente um dos pontos da Regra, é necessário apelar ao seu superior, a quem todos se devem submeter. Quanto ao capelão, por respeito

109. No francês, “*obédiances*”. Refere-se às obrigações ou deveres específicos que um membro de uma ordem religiosa deve cumprir, incluindo a obediência aos superiores, o cumprimento da Regra e a execução de funções ou responsabilidades a ele designadas, refletindo a disciplina e a conformidade com os preceitos da ordem.

ao seu caráter sacerdotal, ninguém ousará corrigi-lo; todavia, o Comendador expor-lhe-á com franqueza e humildade o que pode ter de lhe censurar. Pode mesmo recorrer em seguida ao capelão superior, ao Prior ou ao Mestre, se for necessário. Que o capelão vele sobretudo para não ultrapassar os seus direitos, mas que dê a todos o exemplo de uma vida santa e digna do seu sacerdócio. *E assim todos os membros estarão em paz*¹¹⁰.

110. *Regra de São Bento*, 34.

CAPÍTULO VII

Da penitência

1. Ninguém pode viver em plenitude da vida de Cristo se não renuncia ao gozo egoísta dos bens da terra. O próprio Senhor nos convida a isso quando diz: *se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me*¹¹¹.

A penitência é, antes de tudo, conversão do pecado à Justiça. É o reconhecimento humilde, explícito e eficaz dos pecados cometidos contra a Majestade divina; o homem, excluído da herança celeste pela sua revolta, tornou-se, por sua vez, indigno e incapaz de usar, segundo Deus, das coisas criadas. A única atitude possível é, com o arrependimento e o firme propósito de voltar para Deus, uma adesão confiante a Cristo, que morre na cruz para destruir o homem velho¹¹².

111. Mt 16, 24.

112. Cf. Rm 6, 6.

Reproduzindo na sua carne, por um lado, a morte vivificante de Jesus, o cristão penitente disciplina a sua natureza rebelde, destaca-se pouco a pouco deste mundo, *porque não temos aqui cidade permanente*¹¹³, para ser, cada vez mais, verdadeiramente súdito do Reino que há de vir, e dispõe-se assim a receber, com maior abundância, a graça divina para ele e para toda a Igreja.

2. Os cavaleiros de Nossa Senhora porão valentemente em ação, contra o Príncipe deste mundo, essa arma formidável tão frequentemente recomendada pela Santíssima Virgem a seus filhos.

Se a mortificação deve antes de tudo ser espiritual, pois *o Espírito é que faz viver*¹¹⁴, deve também, para não ser ilusória, manifestar-se em práticas concretas. A Escritura e a Tradição ensinam as mais fundamentais, que consistem em suprimir alguma coisa à alimentação, ao sono e ao conforto, a fim de combater eficazmente a tendência inveterada da nossa natureza decaída a instalar-se cá embaixo. Já que se trata, antes de mais nada, de liberdade espiritual, e sendo necessário ser livre em relação às exigências invasoras da natureza decaída, com ainda mais razão é preciso libertar-se das modas e das coações do pretenso progresso moderno, cujo uso imoderado e sem necessidade é contrário tanto à paz de espírito e à clareza de inteligência como à intimidade do lar.

113. Hb 13, 14.

114. Jo 6, 63.

Em tudo isto, cada um agirá com prudência e discricção e segundo as orientações do seu diretor espiritual. Mas não se deixará levar pelos sofismas do pseudo-humanismo, lembrando-se que o homem não atinge a sua plenitude senão em Cristo morto e ressuscitado, e vivendo para uma vida nova.

3. Convém não relaxar, nunca, em certa mortificação; mas a Quaresma é para todos a ocasião de intensificar a oração e a penitência, para apagar, nestes dias santos, as faltas do ano. Deve-se esforçar para assistir à missa mais frequentemente, se possível, aplicar-se mais vezes à leitura sagrada e suprimir algumas das distrações legítimas que ficam bem noutras ocasiões do ano. *Esperese assim a santa Páscoa com a alegria de um desejo completamente espiritual*¹¹⁵.

4. O Sacramento da Penitência é um banho vivificante no Sangue de Cristo que nos purifica de todo o pecado e dá à alma o esplendor de sua beleza espiritual. Os irmãos aproximar-se-ão dela frequentes vezes na alegria do Espírito Santo.

5. O pensamento da morte é familiar ao cavaleiro, mesmo fora dos perigos da guerra. É bom que se habitue a olhar a morte de frente, sem medo nem amargura, pois que o Senhor a experimentou antes de nós e por ela nos resgatou. Com efeito, *para os que creem, a vida não*

115. *Regra de São Bento*, 49; Cf. Vaticano II, *Sacrosanctum Concilium*, nº 109 e 110.

é tirada, mas transformada¹¹⁶, e, depois das trevas deste mundo, vem a luz do Reino.

6. Os irmãos lembrar-se-ão, enfim, que a penitência é, com a oração, a condição de salvação das almas como das cidades; porque o Senhor declarou: *se não vos arrependerdes, porém, perecereis todos do mesmo modo*¹¹⁷. E o escritor sagrado, inspirado pelo Espírito Santo, conta como Deus perdoou a Nínive, porque seus habitantes fizeram penitência¹¹⁸.

Que eles também tenham sempre diante dos olhos, para os encorajar, a imagem da Imaculada de pé junto da Cruz.

116. Missal Romano (3ª Edição – Brasil), *Prefácio dos Mortos I*.

117. Lc 13, 5.

118. Cf. Jn 3, 1-10.

SEGUNDA PARTE

**OBSERVÂNCIAS LITÚRGICAS E
ESPIRITUAIS**

CAPÍTULO VIII

Das festas da Ordem

1. Os Cavaleiros de Nossa Senhora, votados ao serviço da Igreja e da Cristandade, celebrarão com fervor, antes de tudo, as grandes solenidades do ano litúrgico: Natal e Epifania, Páscoa, Ascensão e Pentecostes. Mas, como elas são comuns a todos os cristãos, acrescentar-se-ão doze festas próprias.

Uma festa solene:

1) A Assunção da Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus e Rainha do mundo, titular da Catedral de Chartres (*15 de agosto*).

Cinco festas maiores:

- 2) Cristo Rei (*último domingo “per annum”¹¹⁹*);
- 3) Sagrado Coração de Nosso Senhor Jesus Cristo (*sexta-feira depois do II domingo depois de Pentecostes*);

119. O mesmo que “Tempo Comum”.

4) Imaculada Conceição da Bem-aventurada Virgem Maria (*8 de dezembro*);

5) São Miguel Arcanjo, Príncipe da Milícia Celeste e Grão-Mestre da Ordem (*29 de setembro*);

6) Natividade de São João Batista, Precursor do Senhor e Patrono da cavalaria (*24 de junho*);

Seis festas menores:

7) São José, Esposo da Virgem e Patrono da Igreja Universal (*1 de maio*);

8) São Jorge, Patrono da cavalaria (*23 de abril*);

9) São Bento, Abade e Patriarca dos Monges do Ocidente (*11 de julho*);

10) São Bernardo de Claraval, Pai dos Cistercienses e dos Templários (*20 de agosto*);

11) São Luís Maria Grignon de Montfort, doutor da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem (*28 de abril*);

12) Santa Joana d'Arc, enviada de Deus para instaurar o Reino de Cristo (*30 de maio*).

Além disso, todas as festas de Nossa Senhora inscritas no Calendário da Igreja Universal serão honradas pelos irmãos. Cada Priorado, cada Comendadoria poderá celebrar a festa do seu santo patrono e de alguns santos locais.

2. Na festa solene e nas festas maiores, os irmãos ouvirão Missa e comungarão, se possível em comum e das mãos do seu capelão.

Nas festas menores, esforçar-se-ão por fazer o mesmo, mas sem obrigação.

Por fim, escolher-se-ão festas de preferência a quaisquer outras para as profissões e os adubamentos, para as recepções, para os capítulos, e em geral para toda reunião ou atividade comum da Ordem.

Em todas as cerimônias da Ordem, os irmãos vestirão o hábito da Ordem, os cavaleiros trazendo o manto branco com a cruz azul. Todos terão grande cuidado com o hábito e tratá-lo-ão com respeito segundo o preceito da *Regra dos Templários: Cada irmão deverá trazer com honra o seu manto*. O hábito da Ordem, que deverá sempre guardar a sua nobre simplicidade, é, com efeito, o sinal da consagração a Nossa Senhora para o serviço da cavalaria¹²⁰.

3. Os irmãos aplicar-se-ão a meditar o ensinamento que contém cada uma destas festas, para que o ponham em prática na sua própria vida e na da Ordem.

120. Cf. Vaticano II, *Perfectae Caritatis*, n° 17.

CAPÍTULO IX

Da Santa Missa

1. A participação cotidiana no Santo Sacrifício era um uso geralmente difundido entre os antigos cavaleiros, tanto seculares como regulares; é uma perfeição a qual cada um deve aspirar hoje com todas as suas forças. Quanto mais nos elevarmos na vida espiritual, mais sentiremos a necessidade de ir cada dia à fonte bendita, de onde emana toda bênção para a Igreja e para o mundo.

2. Os membros da Ordem não são, contudo, obrigados estritamente a ouvir Missa senão uma vez por semana além de domingo, no dia que lhes for indicado em capítulo pelo Comendador tendo em conta as suas possibilidades. O Comendador estabelece o quadro da Obra de Deus de tal modo que, cada dia, pelo menos um irmão seja oficialmente delegado para representar a sua comunidade diante do altar do Rei dos Anjos.

3. Nos dias em que não assistem à Santa Missa, os irmãos fazem, na medida do possível, uma visita ao Santíssimo Sacramento.

4. Os irmãos poderão também, com muito fruto, participar real e plenamente no sacrifício de Cristo recebendo cotidianamente a Sagrada Comunhão¹²¹; assim, não somente consolidarão a sua união pessoal com Cristo, mas ainda contribuirão eficazmente para a edificação do seu Corpo Místico, isto é, para tornar a Igreja de Deus sempre mais una, mais santa, mais forte e mais bela até o regresso glorioso do seu Esposo.

5. No domingo e nas grandes festas, principalmente na Páscoa e no Natal, os Ofícios cantados, sobretudo em latim e em gregoriano, em todo o seu esplendor tradicional, terão a preferência dos cavaleiros de Nossa Senhora; e isto, não somente por sua beleza estética, mas por sua incomparável riqueza sobrenatural¹²².

6. Que todos compreendam, pois, o imenso valor da Santa Missa, e que façam dela, a exemplo dos primeiros cristãos e dos antigos cavaleiros, o ponto culminante do seu dia e da sua vida.

121. Cf. São Pio X, *Sacra Tridentina Synodus*; Cf. Vaticano II, *Sacrosanctum Concilium*, nº 55.

122. Cf. Vaticano II, *Sacrosanctum Concilium*, nº 54, 113 e 116.

CAPÍTULO X

Das Horas de Nossa Senhora

1. Os Cavaleiros da Ordem de Santa Maria devem viver profundamente a vida da Igreja pela liturgia, concebida como a oração cristã por excelência, mais perfeita que todas as outras formas de oração, porque ela é a própria voz da Esposa infinitamente amada de Cristo¹²³.

2. Depois da Missa, o Ofício da Santa Virgem é o seu principal tributo de louvor ao Senhor, e cumprilo-ão com fidelidade, seguindo nisso o preceito do Patriarca dos Monges do Ocidente: *Nada preferir à obra de Deus*¹²⁴.

3. Cada cavaleiro está, pois, estritamente obrigado à recitação integral do Ofício durante a semana, à razão de uma hora litúrgica por dia, durante a qual ele reza

123. Cf. Vaticano II, *Sacrosanctum Concilium*, nº 83.

124. *Regra de São Bento*, 19.

em nome de todos os irmãos, que podem assim unir-se a ele. No capítulo, o Comendador indica a cada um a sua hora cotidiana estabelecendo o quadro da Obra de Deus. O Ofício deve ser recitado integralmente cada dia pelo conjunto da Comendadoria.

4. Todavia, os irmãos não se devem contentar com o mínimo exigido pela Regra. Exercitar-se-ão, pois, pouco a pouco, a dizer todas as horas, o que atrairá sobre eles e sobre a Ordem as bênçãos de Nossa Senhora.

5. Os irmãos esforçar-se-ão, tanto quanto possível, por recitar o Ofício no tempo prescrito, agrupando as Horas à volta dos principais acontecimentos. *Matinas*, de manhã ou na véspera à noite¹²⁵; *Laudes* (ou *Prima*) no começo do dia, de preferência antes da Missa; *Terça*, cerca das dez horas; *Sexta*, antes do almoço; *Noa*, depois da refeição; *Vésperas*, antes do jantar; *Completas*, antes do repouso noturno.

As Horas de Nossa Senhora iniciam, assim, o dia do cavaleiro, consagram seus momentos principais e concluem-no; porque Nossa Senhora foi a origem da nossa Ordem; por Ela e por sua honra será, se a Deus aprover, o fim das nossas vidas e o fim da nossa Ordem, quando Deus quiser que assim seja¹²⁶.

6. Quando se encontrarem dois ou mais reunidos no momento prescrito para uma hora, salmodiá-la-ão

125. Corresponde, atualmente, ao *Ofício das Leituras*.

126. *Regra dos Templários*, Regra primitiva, nº 16; Vida Conventual, nº 306; Recepção dos freires, nº 685.

conformando-se aos ritos tradicionais, se a disposição do lugar permitir. Se se celebrar nesse dia uma festa da Ordem ou da Santa Virgem, seria bom poder cantá-la. Os que tiverem assistido a uma hora qualquer do Ofício Canônico não serão obrigados a recitar a Hora correspondente do Ofício da Santa Virgem.

Do mesmo modo, se algum irmão prefere recitar privadamente o Breviário Romano ou Monástico, poderá fazê-lo conformando-se, todavia, ao quadro da Obra de Deus.

7. Os irmãos que pertençam a um dos ritos orientais recitarão o seu próprio Ofício em honra da Santíssima Mãe de Deus; no rito bizantino, não se omitirá o hino *Akathistos*.

CAPÍTULO XI

Da Oração

1. Se toda a vida do cavaleiro de Nossa Senhora deve ser feita de adesão tranquila da alma a Deus para O procurar em todas as coisas e cumprir a sua santa vontade, convém, contudo, reservar um ou mais momentos do dia à oração mental.

2. Os irmãos não estão sujeitos a nenhum método propriamente dito, mas a sua oração, a exemplo da de Nossa Senhora, brotará espontaneamente do seu coração, alimentada pela Sagrada Escritura e pela liturgia.

3. Fá-la-ão curta, para não se distraírem¹²⁷, salvo se a graça da inspiração divina os levar, pelo afeto, a prolongá-la¹²⁸, porque *é preciso, por assim dizer, arrancá-la depressa das fauces do inimigo* enquanto está ainda

127. Cf. São João Cassiano, *Conferências*, IX, 36.

128. *Regra de São Bento*, 20.

muito fervorosa¹²⁹. E saberão bem que *não é pela multidão das palavras que serão atendidos, mas pela pureza de coração e pelas lágrimas de compunção*¹³⁰.

4. Lembrar-se-ão ainda deste princípio: *Aquele que só reza quando está de joelhos, reza pouco. Mas aquele que, quando está de joelhos, se abandona a todas as distrações, nada reza*¹³¹.

5. Também, além do tempo consagrado à oração, aplicar-se-ão, desde que tenham o espírito livre — quer seja durante um trabalho manual, quer durante idas e vindas — a meditar docemente no seu coração a Palavra de Deus e os mistérios da Fé, e a semear o seu dia com orações jaculatórias tais como a Oração do Nome de Jesus e a invocação: “Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a Vós”. Assim, terão neles *os mesmos sentimentos que Jesus Cristo*¹³² e cumprirão o preceito do Apóstolo: *Orai sem cessar*¹³³.

6. Os irmãos farão cada ano um retiro fechado de vários dias num mosteiro, a fim de ter parte nas graças abundantes que emanam desses lares benfeitores de oração. Aprenderão, assim, no silêncio e no recolhimento da solidão monástica, a melhor compreender a sua vocação e a responder-lhe com cada vez mais generosidade.

129. Cf. São João Cassiano, *Instituições Cenobíticas*, Livro II, cap. 10, 2.

130. *Regra de São Bento*, 20.

131. São João Cassiano, *Conferências*, X, 14.

132. Fl 2, 5.

133. ITs 5, 17; cf. Lc 18, 1.

CAPÍTULO XII

Da leitura espiritual

1. *Que a oração conduza à santa leitura e que a santa leitura conduza à oração*¹³⁴ para que jamais se interrompa o diálogo da alma com Deus. Rezar, com efeito, é falar com o Senhor, mas ler as Escrituras é ouvi-lo.

Os irmãos procurarão, pois, na Palavra de Deus, não um simples meio de chegar à oração, mas o fundamento da sua vida espiritual, o princípio da adoração em espírito e em verdade.

2. Não se pode pretender a compreensão das Sagradas Letras sem a pureza do coração, que pressupõe uma vida irrepreensível: porque a Escritura é compreendida por cada um segundo as disposições em que se encontra¹³⁵: ela parece terrestre aos carnis e divina aos espirituais.

134. São Jerônimo; Cf. Vaticano II, *Dei Verbum*, nº 21.

135. Cf. São João Cassiano, *Conferências*, XIV, 11.

Além do mais, é necessário ler a Palavra de Deus com o próprio espírito da Igreja, única que, por ser Esposa de Cristo, apreende-lhe perfeita e integralmente o sentido. Para este fim, utilizar-se-ão com proveito os comentários dos Santos Padres e dos escritores eclesiásticos, os textos inseridos no Ofício Divino com a sua interpretação litúrgica, e também os trabalhos de exegese científica aprovados pela Igreja¹³⁶. Quanto às obras de teologia e de espiritualidade e às vidas dos santos, serão como que a ilustração do texto sagrado.

Por fim, antes de cada leitura, é preciso orar instantaneamente ao Autor das Escrituras para nos desvendar *o sentido profundo escondido na letra exterior*¹³⁷.

3. Assim preparados, os irmãos abrirão a Sagrada Escritura penetrados de um grande respeito e animados do vivo desejo de comungar a Sabedoria divina. Lerão em companhia de Nossa Senhora, com a sua simplicidade, a sua humildade, a sua caridade. Porão no seu coração aquela escada mística que Jacó viu em Betel, e que ligava o Céu e a terra¹³⁸:

- O primeiro degrau é a leitura atenta e recolhida do texto sagrado;

136. Cf. Papa Pio XII, *Divino Afflante Spiritu*; Cf. Vaticano II, *Dei Verbum*, nº 23.

137. São Bernardo de Claraval.

138. Cf. Gn 28, 10-22.

- O segundo é a sua meditação, pela qual nós aplicamos a nossa inteligência e o nosso coração para penetrar no sentido literal e completo;

- No terceiro, a alma saboreia a suavidade da Palavra e se perde em louvores, em ações de graças, em pedidos e em arrependimento: é a oração;

- O quarto degrau é a contemplação que nos faz gozar da sabedoria infinitamente variada de Deus na unidade dum simples olhar.

Os anjos que sobem e descem ao longo desta escada figuram os estados da alma que passa continuamente de um degrau para o outro sob o influxo do Espírito Santo.

Aquele que repousa aos pés desta escada habita verdadeiramente em Betel, na casa de Deus, e goza verdadeiramente da amizade divina e da companhia dos anjos.

4. Segundo os desejos dos Soberanos Pontífices e do Concílio Vaticano II¹³⁹, alimentar-se-ão frequente e abundantemente da Palavra de Deus: seguirão, tanto quanto possível, na leitura, a ordem dos Livros Santos estabelecida pela Igreja para os diferentes períodos do ano litúrgico.

Deixar-se-ão transformar pouco a pouco por esta Palavra que é *viva, eficaz e mais penetrante que qualquer*

139. Cf. Papa Pio XII, *Divino Afflante Spiritu*; Cf. Vaticano II, *Dei Verbum*, nº 25.

espada de dois gumes. Penetra até dividir alma e espírito, articulações e medulas. Julga os pensamentos e as intenções do coração¹⁴⁰, e cuja virtude aparece brilhante e inefável quando o amor divino penetra a alma daquele que a leu¹⁴¹.

5. Quanto a esta Regra, os irmãos lerão algumas páginas todas as semanas, aplicando-se a penetrar-lhe o espírito e a guardar-lhe a letra. *Quem é fiel nas pequenas coisas, será fiel também nas grandes¹⁴².*

140. Hb 4, 12.

141. Esmaragdo de São Mihiel, *Le diadème des moines*, cap. 3.

142. Lc 16, 10.

CAPÍTULO XIII

Do Rosário, da Coroa Angélica e do Angelus

1. Os irmãos recitarão pelo menos um Rosário por semana em todos os lugares e em todas as circunstâncias. Meditarão os mistérios e escutarão Nossa Senhora.

Recitar o Rosário é realmente fazer companhia à Santa Mãe de Deus e participar no triunfo daquela que é chamada *vencedora de todas as batalhas de Deus*¹⁴³, e que, por este mesmo Rosário, deu várias vezes a vitória a seus filhos sobre os infiéis¹⁴⁴.

2. Todas as terças-feiras e nas festas dos santos anjos, é-lhes recomendado recitar a Coroa Angélica ou Terço de São Miguel. Convém, com efeito, em alto grau,

143. Papa Pio XII; Cf. *Petit Office – Antiennes de Matines, Laudes et None*.

144. Referência à Batalha de Lepanto, de 1571.

que os cavaleiros de Nossa Senhora vivam habitualmente na presença dos anjos de Deus e recorram a eles sem cessar para a oração e para o combate, implorando a sua ajuda para a conversão das nações e das comunidades humanas.

Estes seres sublimes que cantavam em coro na ocasião da criação do mundo visível¹⁴⁵, cume da beleza criada depois de Jesus e Maria, tronos da divindade¹⁴⁶ e contempladores da sua face¹⁴⁷, príncipes e governadores do mundo e das nações¹⁴⁸, não hesitaram em lançar a sua coroa aos pés de Cristo Rei¹⁴⁹, e se fizeram, por amor para com Ele e sua Santa Mãe, os servidores de nossa salvação e nossos companheiros de serviço¹⁵⁰. Como serviram a Cristo durante a sua vida terrestre¹⁵¹, dignaram-se velar sobre os fiéis, participar nas suas liturgias¹⁵², iluminar os seus espíritos na oração¹⁵³, afastar as ciladas do demônio¹⁵⁴. Preparam, assim, no meio do mundo, a vinda do Rei Jesus, que escoltarão no dia de sua Parusia¹⁵⁵.

145. Cf. Jó 38, 7.

146. Cf. 2Rs 19, 15; Sl 79, 2; Sl 98, 1; Is 37, 16; Cl 1, 16.

147. Cf. Tb 12, 15; Mt 18, 10.

148. Cf. Dn 10, 13, 20-21; Dt 32, 8.

149. Cf. Ap 4, 10.

150. Cf. Ap 19, 10; Ap 22, 9.

151. Cf. Mt 4, 11; Lc 22, 43.

152. Cf. Erik Peterson, *Le livre des Anges*, I^a e II^a parte.

153. Cf. Doutrina Comum dos Padres da Igreja, especialmente Clemente.

154. Cf. Ritual Romano, Ritual dos Exorcismos.

155. Cf. Mt 16, 27.

O Terço de São Miguel, invocando os três arcanjos e as santas hierarquias, e suplicando à Rainha dos Anjos, ajudará imensamente os irmãos a viver em Espírito na cidade celeste e revesti-los-á das armas da luz¹⁵⁶ para vencer a tentação e expulsar o Diabo.

3. Quanto ao *Angelus*, pertence incontestavelmente à tradição Cavaleiresca. Esta graciosa saudação é particularmente recomendada aos cavaleiros de Nossa Senhora.

156. Cf. Rm 13, 12.

CAPÍTULO XIV

Da delicadeza de que é preciso rodear a Santa Mãe de Deus

1. Para serem frutuosa, todos os exercícios regulares devem ser cumpridos em espírito de louvor divino e mariano, e, como diz São Bento: *Lembre-mos sem cessar do que diz o profeta: Servi o Senhor com temor. E ainda: Salmodiai com sabedoria e Eu cantarei na presença dos Anjos*¹⁵⁷.

2. O cavaleiro deve, pois, ter uma preocupação constante: louvar Nossa Senhora. Além das práticas enumeradas acima, o seu amor profundo e delicado traduzir-se-á por um certo número de gestos discretos, tais como: na Igreja, depois da genuflexão, fará uma saudação inclinando-se ligeiramente à Virgem Santíssima em direção de sua imagem; ao acordar, o seu primeiro pensamento será para Nossa Senhora, dizendo “AVE

157. *Regra de São Bento*, 19; Sl 2, 11; Sl 46, 8; Sl 137, 1.

MARIA”; ao longo do Ofício, fará uma vênia todas as vezes que encontrar o dulcíssimo nome de Maria; toda oração e toda ação importante do dia começará pelo versículo e seu responso:

V. DIGNARE ME LAUDARE TE, VIRGO SACRATA!

R. DA MIHI VIRTUTEM CONTRA HOSTES TUOS.

Trará sempre consigo e medalha milagrosa, testemunho da sua fidelidade à sua Rainha.

3. Nas festas da Santíssima Virgem, os cavaleiros farão à sua Dama uma oferta suplementar, uma oração ou qualquer gentileza e cortesia que lhe for inspirada pelo Espírito Santo. Esforçar-se-ão ainda para encontrar outras formas de mostrar seu amor. O sorriso de Nossa Senhora, graça acompanhada de mil bênçãos, dom de Paz e de Caridade, recompensá-los-á.

TERCEIRA PARTE

OUTRAS OBSERVÂNCIAS

CAPÍTULO XV

Da assistência aos capítulos

1. Os irmãos assistirão aos capítulos da Ordem todas as vezes que sejam solicitados pela autoridade competente; se estão impedidos por causa grave, não esquecerão de solicitar uma dispensa em tempo oportuno ou, em caso de impossibilidade, de se desculpar sem demora; porque a polidez é, para um cavaleiro, uma manifestação espontânea da caridade fraterna. Os capítulos de Comendadorias terão lugar pelo menos uma vez por mês; ter-se-á cuidado, tanto quanto possível, de prevenir os irmãos pelo menos com oito dias de antecedência antes da data prevista. Esta data será escolhida pelo Comendador em acordo com o capelão, tendo em consideração as possibilidades da maioria.

2. O capítulo começará pela oração. Um dos irmãos lerá uma passagem da presente Regra, que será comentada pelo Comendador ou pelo capelão. O Comendador

dará em seguida notícias da Ordem e tratará das questões da ordem do dia que possam interessar o conjunto da comunidade; ouvirá os relatos de atividade e distribuirá as diversas tarefas a cumprir até ao próximo capítulo. O capelão dirá por fim as orações prescritas e, depois da recitação alternada do Código de Honra, dará a sua bênção. Se a reunião capitular deve seguir imediatamente, o Comendador dirá *Loquamur de ordine nostro*, e todos aqueles que não são capitulares sairão. O Comendador tratará das questões reservadas a esta reunião, e aconselhar-se-á para as decisões respeitantes ao governo da Comendadoria. Em seguida, virá a declaração dos descumprimentos da Regra: os freires-de-armas e os escudeiros primeiro, depois, assim que eles saírem, os donatos e os cavaleiros. O capelão imporá uma leve reparação, como está dito no capítulo da correção fraterna. Por fim, termina-se pelo versículo *Adiutorium nostrum*.

Exceto os postulantes, ninguém estranho à *Militia* pode assistir a um capítulo sem o convite do Comendador. Tudo o que for dito ao longo do capítulo, e sobretudo da reunião capitular, deve ser tratado como confidencial, de acordo com o uso monástico e cavaleiresco¹⁵⁸, salvo, todavia, para com a Hierarquia Eclesiástica.

158. *Regra dos Templários*, Penas, nº 225; nº 390; nº 391; Eleição do Mestre, nº 223.

3. Os irmãos devem saber que um capítulo não é uma reunião ordinária onde se trata de questões mundanas, nem ocasião de discorrer não importa sobre que assunto, seguindo cada qual, unicamente, as suas ideias pessoais, mas uma reunião santa, sob o olhar de Deus, para o exame das questões relativas ao seu Reino.

Cada um velará, pois, para guardar um comportamento exterior irrepreensível, abster-se de toda conversa privada e ficar em silêncio absoluto durante a leitura da Regra e o comentário que se lhe segue¹⁵⁹.

Os irmãos que solicitarem e obtiverem a palavra exprimir-se-ão claramente, com moderação e sem gritaria; se acontecer que entre eles dois sejam de opinião diferente sobre uma questão estudada no capítulo, tocando, por exemplo, uma atividade nova a empreender ou não, defenderão o seu ponto de vista com calma e caridade, sem azedume nem orgulho, e submeter-se-ão de boa vontade à decisão do Comendador, seja qual for, pois aquele que permanece na humildade e na obediência está certo de jamais se enganar.

159. *Regra dos Templários*, Realização dos Capítulos Ordinários, nº 393.

CAPÍTULO XVI

Do trabalho do corpo e do espírito

1. Os cavaleiros de Nossa Senhora sabem que o homem é, ao mesmo tempo, *corpo, alma e espírito*¹⁶⁰. O corpo humano é a epifania da alma e o templo do Espírito Santo¹⁶¹; deve, pois, ser puro, ágil e belo na medida do possível. Deve manifestar a todos, por suas atitudes, simultaneamente simples e nobres, perfeitamente harmonizadas com os sentimentos da alma, o esplendor da graça *derramada em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*¹⁶².

2. O cavaleiro de Nossa Senhora reza com o seu corpo, e não apesar dele; santifica-se no corpo e pelo corpo, não contra ele. Conhece o valor do gesto na liturgia e na vida espiritual; evita com cuidado os gestos

160. 1Ts 5, 23.

161. Cf. 1Cor 6, 19.

162. Rm 5, 5.

automáticos e vazios que são também profanações do corpo: a sua genuflexão é um ato de adoração, e quando reza em pé, honra em espírito e verdade a ressurreição do Senhor e a sua que há de vir.

3. O Cavaleiro de Nossa Senhora tem estima pelo trabalho manual; mesmo, e sobretudo, se o seu dever de estado não o comporta, aplica-se a ele de bom grado, a fim de repousar o seu espírito, de exercitar a habilidade corporal e de imitar o Senhor Jesus em Nazaré.

4. Normalmente, um cavaleiro de Nossa Senhora deve estar pronto a cumprir toda missão e a enfrentar qualquer situação, mesmo a mais inesperada e a mais perigosa, para serviço e defesa da Igreja e da civilização cristã. Uma tal disponibilidade supõe um treino físico e moral constante e metódico, sobretudo nos irmãos mais jovens. Os dignatários velarão com cuidado para que esse treino não se abrande.

5. Por outro lado, a vida espiritual dos irmãos, assim como a sua ação exterior, exige uma cultura humana e religiosa cada vez maior. Submeter-se-ão assiduamente ao estudo da teologia e da Sagrada Escritura, da história profana e eclesiástica, da tradição cavaleiresca e das instituições da cristandade, bem como do ensinamento político e social dos Romanos Pontífices¹⁶³.

6. Os fins da Ordem devem ser perseguidos por meios concretos. Nenhum irmão se pode contentar

163. Cf. Vaticano II, *Apostolicam Actuositatem*, nº 29.

com uma boa vontade que não se traduza em atos. Cada cavaleiro escolherá, assim, uma atividade especial, com anuência dos dignatários competentes, tendo em conta as necessidades do momento, os seus gostos e afinidades, a sua cultura geral e as suas possibilidades materiais. Empreenderá então os estudos de base e agrupar-se-á para a ação com aqueles que escolheram o mesmo assunto.

CAPÍTULO XVII

Da vida familiar dos cavaleiros

1. Os cavaleiros de Nossa Senhora terão em grande estima o casamento cristão instituído pelo próprio Deus, e elevado por Ele à dignidade de símbolo da união de Cristo com a Santa Igreja. Que eles amem, pois, a sua mulher *como Cristo também amou a Igreja e se entregou por ela, para apresentá-la a Si mesmo toda bela, sem mancha nem ruga ou qualquer reparo, mas santa e sem defeito*¹⁶⁴; do mesmo modo, que *as mulheres amem seus maridos e lhes sejam submissas como ao Senhor, pois o marido é a cabeça da mulher, como Cristo também é a cabeça da Igreja, seu Corpo, do qual Ele é o Salvador*¹⁶⁵. O amor dos esposos assim transportado a Deus atingirá a plenitude do seu significado e atrairá sobre o lar as bênçãos do Altíssimo.

164. Ef 5, 25-27.

165. Ef 5, 22-23.

2. Os cavaleiros que são chefes de família devem esforçar-se por dar à família a sua verdadeira fisionomia e o seu valor tradicional, sabendo desempenhar o seu papel de pai, primeira legitimidade estabelecida por Deus. Imagem da Paternidade divina, a família é, com efeito, a célula inicial da sociedade e o pai é, nela, uma espécie de *Sacerdote e Rei*¹⁶⁶.

3. Consagrarão ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria o seu lar, para que aí reinem a Paz e o Amor. Honrarão São José, *filho de Davi*¹⁶⁷ e chefe da Sagrada Família, primeiro cavaleiro servidor¹⁶⁸ da Rainha do Céu. Darão à sua família uma vida espiritual profunda em meio a práticas tradicionais. Instaurarão em sua casa orações em comum, pelo menos a oração da noite; esta poderá começar por uma leitura da Sagrada Escritura em voz alta, seguida de um curto momento de meditação silenciosa, depois a oração dominical e a saudação angélica ditas lenta e religiosamente pelo pai, a não ser que rezem Completas; em seguida se dirão as intenções particulares e terminar-se-á pela Oração da Missa do dia. Rezar-se-á de joelhos durante a semana e de pé no sábado e no domingo, assim como durante o Tempo Pascal, em honra da ressurreição do Senhor.

166. Cf. Ap 1, 6; Ap 5, 10.

167. Mt 1, 20.

168. No francês, “*chevalier servant*”. Cavaleiro que acompanhava uma dama para fazer-lhe companhia e para servi-la em tudo o que pudesse ser necessário durante a jornada. Cf. nota 59.

Os irmãos dirão ainda a bênção da mesa, abençoarão à noite a sua mulher e os seus filhos; enfim, restaurarão a maior parte dos ritos da liturgia familiar de nossos antepassados.

Vigiarão para proteger seu lar contra as intrusões do mundo profano, porque é um santuário que não deve ser conspurcado¹⁶⁹.

4. Todo evento de alguma importância na vida da família será acompanhado de orações e de ações de graças, e associar-se-ão a elas outros cavaleiros, pois todos são irmãos e *membros uns dos outros*¹⁷⁰.

5. Providenciarão, se for possível, um local da casa como oratório. Procurarão ensinar aos filhos os primeiros rudimentos da Fé, segundo as palavras do salmista: *aquilo que ouvimos e aprendemos, o que nossos pais nos contaram, não o ocultaremos a seus filhos. Vamos contar à geração futura os louvores do Senhor e seus prodígios*¹⁷¹.

169. Cf. Vaticano II, *Apostolicam Actuositatem*, n° 11.

170. Ef 4, 25.

171. Sl 78, 3-4.

CAPÍTULO XVIII

Dos deveres dos cavaleiros para com o próximo

1. Em face do próximo e da sociedade em geral, o cavaleiro compromete-se a fazer reinar a justiça, o que é propriamente o seu papel:

- A intervir sempre e em todo lugar, com uma justa prudência, quando se trata de defender a verdade em geral e a Fé em particular, segundo o preceito do Apóstolo, que recomenda insistir *a tempo e a contra-tempo*¹⁷², expressão que é divisa da Ordem; e a fim de obedecer a esta outra advertência da Sagrada Escritura: *Luta pela justiça até a morte, e Deus submeterá diante de ti teus inimigos*¹⁷³.

- A não deixar ninguém ser oprimido, mas defender, em toda parte e sempre, na medida dos seus meios,

172. 2Tm 4, 2.

173. Sr 4, 33.

o fraco, a viúva e o órfão contra os seus opressores, mesmo e sobretudo se estes últimos forem poderosos.

- A não deixar ninguém ser caluniado.

- A não deixar ninguém blasfemar.

- A ensinar ao mundo, principalmente pelo exemplo duma vida *sem medo e sem mancha*¹⁷⁴, a verdadeira natureza da honra, que é a prática da fidelidade na humildade.

- A manter a palavra dada livremente.

- A agir de tal modo que, em todas as coisas, Deus seja glorificado¹⁷⁵.

2. Em face do seu dever de estado profissional, os cavaleiros devem mensurar exatamente a extensão das exigências da sua vocação.

Mostrem-se, pois, como cristãos exemplares, desejosos de imitar Cristo na sua vida laboriosa de Nazaré, a fim de oferecer a Deus o seu trabalho e o dos outros em sacrifício de louvor.

Como Cristo, amarão o trabalho bem-feito, que procede do amor.

Os que tiverem o encargo de serem chefes serão de uma honestidade e de uma integridade perfeitas, porque *a balança falsa é abominação diante do Senhor, mas o peso exato é o que Lhe agrada*¹⁷⁶.

174. Divisa do Cavaleiro Bayard (Pierre Terrail LeVieux, senhor de Bayard).

175. *Regra de São Bento*, 57.

176. Pr 11, 1.

Serão sempre justos e equitativos, procurando *dar a cada um segundo as suas necessidades*¹⁷⁷.

Amarão acima de tudo a verdade; nada de lisonjas nos seus discursos ou no seu comportamento, porque o Apóstolo disse: *se ainda quisesse agradar aos homens, não seria servo de Cristo*¹⁷⁸.

É por isso que amarão verdadeiramente os seus companheiros de trabalho, procurando sinceramente o bem comum e lembrando-se sem cessar da palavra de São Paulo: *Que o amor não seja falso*¹⁷⁹.

Estarão, enfim, resolutos a aplicar integralmente e a fazer aplicar a doutrina social da Igreja tal qual se encontra nas encíclicas dos Soberanos Pontífices.

3. Ao combater pela defesa da Fé, quer por palavras, quer por escrito, quer de qualquer outro modo, os cavaleiros de Nossa Senhora lembrar-se-ão que a mais santa das causas não deve ser profanada por meios indignos de um soldado de Cristo que recebeu de seu Senhor a ordem de amar os seus inimigos¹⁸⁰.

Através do adversário visível, está o inimigo invisível que deve ser perseguido; ora, este não pode ser deitado por terra senão pela Verdade, pela Justiça e pelo Amor. O combate cavaleiresco exclui absolutamente

177. At 4, 35.

178. Gl 1, 10.

179. Rm 12, 9.

180. Cf. Mt 5, 44.

o ódio, sob qualquer aparência legítima que se apresente, porque ele procede da Caridade bem entendida, e baseia-se no exemplo do Senhor expulsando os vendilhões do templo¹⁸¹ com a doçura do cordeiro no coração e o vigor do leão no braço.

Os cavaleiros devem preparar-se para as batalhas de Deus pela oração e pela penitência, pela caridade e pela humildade, pedindo instantemente a proteção da sua Dama, *terrível como um exército em ordem de batalha*¹⁸². Que se humilhem antes de tudo, considerando o quanto são indignos de combater pelo Reino de Deus, eles que ainda não conseguiram submeter-se a Ele perfeitamente. Que não ponham a sua confiança nas próprias forças, mas esperem no Senhor dos Exércitos, pois é somente d'Ele que vem a vitória.

Mas, no combate, nada devem negligenciar do que é humanamente necessário para vencer os seus adversários. Devem também conservar em si uma santa indignação ao verem os ataques diabólicos contra a Igreja, um salutar horror dos poderes tenebrosos deste mundo, uma invencível aversão da mentira e do erro.

E, quando o momento de combater chegar, que imitem os templários que São Bernardo louvava: deixando para trás a sua habitual mansidão, diziam para

181. Cf. Jo 2, 14-16.

182. Ct 6, 10.

si mesmos: *não aborrecerei, Senhor, os que Te aborrecem, não me affligirei com os que se revoltam contra Ti*¹⁸³?

Que eles se mantenham, contudo, sempre senhores de si próprios, e mesmo se o adversário proceder de modo desonesto, que não o imitem, porque estão para sempre excluídas do combate cavaleiresco a mentira, a denúncia, a fraude e a hipocrisia. Mas que o procedimento dos cavaleiros ganhe, antes, a admiração dos seus adversários graças ao desinteresse, à lealdade, à paciência e à intrepidez. É então que eles se assemelham a Cristo Rei e a seus anjos.

Por fim, atingirão a perfeição do espírito da cavalaria se evitarem defender-se dos ataques dirigidos apenas contra si, e se estiverem, sempre e em todo o lugar, animados de um grande amor pela paz, a exemplo de Joana d'Arc, modelo dos cavaleiros.

Estas regras de combate valem não somente para a defesa da Fé e da civilização cristã, mas em toda guerra justa.

183. *Em louvor da nova cavalaria*, IV, 8; Sl 139, 21.

CAPÍTULO XIX

Do dever de ajuda mútua e de hospitalidade

1. Os cavaleiros têm o dever de se ajudar em todas as circunstâncias da vida e por todos os meios em seu poder. Se um deles estiver sem dinheiro ou sem casa, ou sem trabalho, ou na prisão, ou for perseguido por alguma razão ilegítima, todos devem esforçar-se por remediar a situação. Do mesmo modo, se um irmão estiver em viagem, a casa de cada um estará de portas abertas na medida do possível e todo o tempo que for necessário.

2. Conforme a tradição cavaleiresca, a Ordem organizará e manterá uma ou várias obras hospitalares, particularmente a favor dos prisioneiros e de todos os que sofrem os males de uma sociedade pecadora e separada de Deus.

3. Esta caridade fraterna estender-se-á a todos os homens segundo a venerável tradição em uso nos tempos de Fé, e para que se ouça dizer no dia do julgamento: *Vinde, benditos de meu Pai! Recebei em herança o Reino que meu Pai vos preparou desde a criação do mundo; pois Eu estava com fome, e Me destes de comer; estava com sede, e Me destes de beber; Eu era forasteiro, Me recebestes em casa; estava nu, e Me vestistes; doente, e cuidastes de Mim; na prisão, e viestes até Mim*¹⁸⁴.

184. Mt 24, 34-36.

CAPÍTULO XX

Do serviço das paróquias

1. Os irmãos devem concorrer para o desenvolvimento da sua paróquia com uma grande generosidade, participando nas suas atividades tanto litúrgicas como apostólicas e caritativas¹⁸⁵.

Verão na paróquia, com efeito, a própria Igreja, e, na sua dedicação, uma realização concreta do primeiro dos fins da Ordem: **SERVIR A FÉ**.

2. Oferecerão, assim, os seus serviços ao pároco, podendo, inclusive, pertencer a qualquer associação paroquial, se isso parecer útil e oportuno.

3. Trabalharão com gosto por inspirar aos cristãos que os rodeiam um ardente amor pela Bem-aventurada Virgem Maria. Esforçar-se-ão também por fazer nascer ou desenvolver neles o sentido do sagrado e da

185. Cf. Vaticano II, *Apostolicam Actuositatem*, nº 10.

hierarquia, uma fidelidade amante e indefectível para com a Santa Igreja, o seu chefe o Soberano Pontífice e os Bispos, o gosto pelas Sagradas Escrituras e da autêntica liturgia vivida (sem desprezo algum pelas devoções privadas aprovadas pela autoridade eclesiástica, especialmente o culto das santas imagens, dos objetos benzidos, das velas) e, por fim, o espírito de caridade fraterna pela qual se reconhecem os verdadeiros discípulos de Cristo¹⁸⁶.

O seu apostolado sempre tenderá conduzir seus irmãos até às fontes tradicionais da vida espiritual, que formaram, com a alma cristã das épocas de Fé, toda a civilização que os cavaleiros têm que defender e promover.

186. Cf. Jo 13, 35.

CAPÍTULO XXI

Da pertença dos cavaleiros a movimentos diversos

1. Além das atividades comuns da Ordem, a Regra deixa aos cavaleiros a iniciativa das suas atividades privadas; isto é, para além do dever de estado, que tem primazia sobre todo o restante, podem colaborar em todo empreendimento que lhes inspire o bom zelo e a dedicação à Igreja e ao próximo. Bem entendido, estas atividades devem ser cumpridas no espírito da Ordem e segundo o Código de Honra.

Que se lembrem sempre destes dois princípios:

- É-se cavaleiro de Nossa Senhora antes de tudo, em tudo, sempre e em toda parte;
- É primeiro sempre no seio da Ordem que se é cavaleiro.

2. Se um irmão vê que deve pertencer a algum outro movimento, fá-lo-á com assentimento do Comendador. Do mesmo modo, antes de aceitar uma responsabilidade importante no domínio apostólico ou social, ele terá a honra de solicitar a sua autorização¹⁸⁷. Levará a esse movimento ou a essa atividade todos os recursos espirituais e intelectuais que a Ordem lhe fornece, sem temer para a Ordem qualquer detrimento, porque diz São Bento: *Em todo lugar servimos o mesmo mestre e militamos debaixo das ordens de um mesmo Rei*¹⁸⁸, e a Ordem está acima do sucesso temporal bem como do insucesso, pois está escrito: *todo o que foi gerado de Deus vence o mundo. E esta é a vitória que venceu o mundo: a nossa Fé*¹⁸⁹. E São Paulo diz também: *tudo coopera para o bem daqueles que amam a Deus*¹⁹⁰.

3. Os cavaleiros de Nossa Senhora podem pertencer aos movimentos da Ação Católica ou a qualquer outro grupo similar cujo fim seja apostólico ou caritativo, assim como às confrarias de piedade.

4. Do mesmo modo em relação aos movimentos sociais que seguem a doutrina da Igreja, mesmo se não são oficialmente e nomeadamente católicos.

5. Quanto aos movimentos ou manifestações políticas, os cavaleiros compreenderão facilmente que a Ordem

187. No francês, "*il tiendra à honneur de solliciter*". Honra é o dever de justiça para com o superior. O texto sublinha a solitação ao superior como ato de obediência e respeito.

188. Cf. *Regra de São Bento*, 61.

189. 1Jo 5, 4.

190. Rm 8, 28.

se situa num plano diferente, e que o seu combate não é capaz de se rebaixar até tornar-se uma luta de partidos. Todavia, poderão individualmente dar a sua adesão a um movimento cuja doutrina e método estejam em conformidade com o ensinamento dos Papas e os princípios da Ordem, e isto em vista de servir o bem comum e de defender a Fé e a Igreja, pelo menos indiretamente.

Mostrar-se-ão dispostos a retirar-se desse movimento a pedido motivado do Prior ou do Comendador. Estes ouvirão o parecer do seu capítulo, se for oportuno, e o Mestre decidirá os casos litigiosos.

6. Em todo caso, pertencer a partidos, associações, sociedades ou movimentos reprovados pela Igreja é proibido.

7. Os cavaleiros não poderão pertencer a uma outra ordem de cavalaria sem uma autorização expressa do Mestre.

8. Também não podem entrar numa ordem terceira a partir da sua recepção na Ordem de Nossa Senhora, mas podem ser oblatos de uma abadia.

Que os cavaleiros de Nossa Senhora cumpram, onde se encontrarem, a sua missão, esclarecidos pela luz de Maria, conduzidos por seu espírito, sustentados pelo seu braço e guardados sob a sua proteção, de modo que eles combaterão com uma mão e edificarão com a outra¹⁹¹. AMÉM!

191. São Luís M. Grignon de Montfort, *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, nº 48; Cf. Ne 4, 10-17.

EXPLICIT REGULA MILITUM

SUMÁRIO

| | |
|----------------------------------|---|
| Apresentação da nova edição..... | 3 |
| Advertência | 7 |

REGRA DA MILÍCIA DE SANTA MARIA

| | |
|--------------|----|
| Prólogo..... | 11 |
|--------------|----|

PRIMEIRA PARTE - O ESPÍRITO DA ORDEM

| | |
|--|----|
| Capítulo I - Fins da Ordem de Santa Maria | 21 |
| Capítulo II - Do estado das pessoas e da hierarquia da Ordem..... | 29 |
| Capítulo III - Como deve ser o cavaleiro de Nossa Senhora..... | 45 |
| Capítulo IV - Do serviço de Nossa Senhora..... | 53 |
| Capítulo V - Da obediência..... | 57 |
| Capítulo VI - Da correção fraterna..... | 63 |
| Capítulo VII - Da penitência | 67 |

**SEGUNDA PARTE - OBSERVÂNCIAS LITÚRGICAS E
ESPIRITUAIS**

| | |
|--|----|
| Capítulo VIII - Das festas da Ordem..... | 73 |
| Capítulo IX - Da Santa Missa | 77 |
| Capítulo X - Das Horas de Nossa Senhora | 79 |
| Capítulo XI - Da Oração | 83 |
| Capítulo XII - Da leitura espiritual..... | 85 |
| Capítulo XIII - Do Rosário, da Coroa Angélica e do Angelus..... | 89 |
| Capítulo XIV - Da delicadeza de que é preciso rodear a Santa Mãe de Deus..... | 93 |

TERCEIRA PARTE - OUTRAS OBSERVÂNCIAS

| | |
|---|-----|
| Capítulo XV - Da assistência aos capítulos..... | 97 |
| Capítulo XVI - Do trabalho do corpo e do espírito | 101 |
| Capítulo XVII - Da vida familiar dos cavaleiros | 105 |
| Capítulo XVIII - Dos deveres dos cavaleiros para com o próximo | 109 |
| Capítulo XIX - Do dever de ajuda mútua e de hospitalidade..... | 115 |
| Capítulo XX - Do serviço das paróquias | 117 |
| Capítulo XXI - Da pertença dos cavaleiros a movimentos diversos..... | 119 |

OPPORTUNE ✚ IMPORTUNE

Versão Digital
miliciadesantamaria.org.br

